Não pretendemos fazer aqui a história deste Convento, que já por outros eminentes escritores se acha tratada ([335]), e ùltimamente, nos nossos dias, pelo ilustre escritor G. de Matos Sequeira no seu valioso trabalho *O Carmo e a Trindade*.

Vamos apenas mencionar o que nas crónicas e descrições se relaciona com a cerca fernandina e com os edifícios e vias públicas da região que ela atravessava.

Primitiva Ermida de S.ta Catarina. — Existia há muito tempo, num sítio deserto, *dapar da cidade de Lisboa* (1362) ([336]), entre os actuais Largos Trindade Coelho (de S. Roque) e da Trindade, uma ermida dedicada a S.ta Catarina, que se não sabe nem quando nem por quem foi fundada.

Essa ermida foi doada pelo rei D. Afonso II, cerca do ano 1218, a uns frades trinos, que logo junto dela ergueram um pequeno albergue e um hospital.

O local dessa primitiva ermida de S.ta Catarina parece que era no sítio onde se construiu mais tarde a capela que fica a meio da ala nascente do cláustro grande do mosteiro reedificado em 1560, capela que, bem que modificada e profanada, ainda hoje existe, e serve de arrecadação da oficina de encadernação da firma Paulino Ferreira & Filhos ([337]).

Primeiro Convento e Igreja da Trindade. — A Rainha Santa Isabel, grande protectora daqueles frades, achando mesquinhas as instalações que eles tinham no local, mandou construir perto delas um convento, com a sua igreja anexa, que

([335]) *Historia Chronologica da Esclarecida Ordem da SS. Trindade*, por Fr. Jeronymo de S. José, tomo I, 1789, págs. 173 a 182.

([336]) *Mosteiro da Trindade*, maço 2, n.º 78, era 1400.

([337]) Segundo o olisipógrafo Matos Sequeira, o seu local era, na actual Lisboa e em Agosto de 1937, ao fundo do pátio da Cervejaria Trindade. — *O Carmo e a Trindade*, vol. I, pág. 335, nota. Há pouco tempo este botequim sofreu modificações que lhe alteraram profundamente a planta topográfica.

foram o Convento ou Mosteiro e a Igreja da Trindade. Começaram as obras em 1289 e só terminaram em 1325, tendo durado portanto 36 anos ([338]).

A igreja tinha 3 naves, e parece que o seu local era no sítio do prédio n.os 12 e 14 da Rua Nova da Trindade, tornejando para a Rua da Trindade.

Doações ao Convento em 1362 e 1363 por Francisco Domingues e Constança Esteves. — Os bens territoriais dos frades foram aumentados pela doação duma herdade com seu olival, que lhe fizeram em 1362 e 1363 um mercador Francisco Domingues e sua mulher Constança Esteves, como já dissemos.

Esta herdade era limitada, ao poente e ao norte, como se infere dos termos dos aforamentos ulteriores, pela linha que seguiu o traçado da muralha nesse sítio; pela Rua da Condessa ao nascente; e pela Rua da Trindade ao sul; parece, porém, que nalguns pontos passava ainda para além desta demarcação, especialmente para os lados do Campo de S. Roque, que era terras de pão.

Grandes Obras no Convento no 3.º Quartel do Século XVI. — A primitiva ermida de S.ta Catarina permanecia ainda de pé, fora do terreno da igreja do convento, quando por 1569 se começaram grandes e demoradas obras no edifício, parecendo que se construiu então um segundo cláustro, mais pequeno, a ocidente do primeiro, e que nesse ano se refez também a primitiva capela de S.ta Catarina no cláustro grande, então com a invocação de N.a S.a do Egipto, cuja situação já mencionámos.

Segunda Igreja da Trindade. — A igreja da Rainha Santa, que estava mui arruínada, foi feita de novo por esse tempo (começou a obra em Março de 1569) no mesmo local; ficou

([338]) A planta e o alçado conjecturais da igreja fundada pela Rainha S.ta Isabel, assim como as suas dimensões, podem ver-se em *O Carmo e a Trindade*, vol. I, respectivamente nas págs. 124, 57 e 51.

de uma só nave, com a mesma largura, mas aumentou-se-lhe o comprimento para o lado do poente ([339]).

Fogos e Outros Sinistros no Convento. Suas Reconstruções. — O convento foi vítima de vários sinistros: o desmoronamento duma nave em 1569; um fogo na sacristia em 1614; o desmoronamento total da igreja em 1640, mas os estragos deste foram reparados, aproveitando-se também o ensejo para se aumentarem as instalações do convento para o outro lado da cerca da cidade, até à face da Rua da Misericórdia ([340]).

Em 1708 um incêndio devorou a maior parte do convento, o qual se achava quase completamente reparado quando o edifício e a igreja foram reduzidos a cinzas pelo incêndio que se seguiu ao terremoto de 1755 ([341]).

Terceira Igreja da Trindade. — Reconstrução do Convento. — Depois do cataclismo de 1755 foram reconstruídos o convento e a igreja, tendo as obras durado muitos anos, até 1788, pelo menos.

A igreja provisória ficou então situada no local da antiga portaria do convento, onde se acha hoje o prédio n.º 16 da Rua Nova da Trindade ([342]), que tem a frontaria revestida de azulejos.

([339]) Pode ver-se a planta conjectural da nova igreja e a sua descrição em *O Carmo e a Trindade*, vol. I, respectivamente em frente da pág. 328 e na pág. 325.

([340]) *O Carmo e a Trindade*, vol. II, págs. 280/81.

([341]) *Tombo de 1755, Bairro Alto*, fl. 255 v.

([342]) Do convento reconstruído depois de 1755 existiam plantas numa Repartição do extinto Ministério das Obras Públicas, uma das quais tinha o título: *Planta terrea do edificio do extincto Convento da Trindade, aonde se vai estabelecer o Tribunal da Prefeitura da Provincia da Estremadura com o projecto em banho amarelo.* Dela tirámos cópia, de que apresentamos uma redução à escala 1:1.000 no Mapa X. A planta não está datada nem assinada, mas parece ser da autoria do Arquitecto Joaquim Possidónio Narciso da Silva (1834). Foi reproduzida em *O Carmo e a Trindade*, por G. de Matos Sequeira, vol. III, em frente da pág. 196.

O convento reconstruído chegava, como anteriormente, até à face da Rua Larga de S. Roque, ultrapassando a muralha da cerca, que nalgumas partes já tinha abertos vãos de portas, e noutras foi então demolida.

A única vista que existe da fachada do Convento sobre o Largo da Trindade, depois da reconstrução, acha-se no livro de Gonzaga Pereira ([343]).

Extinção do Convento e Venda do Edifício. — Em 1834, extintas as Ordens Religiosas, entrou o Convento na posse do Estado, e destinou-se primeiro para a instalação do Tribunal da Prefeitura da Província da Extremadura, sendo a parte sobrante dividida em lotes para venda a particulares. Afinal acabou por ser todo, incluindo a igreja, vendido a diversos ([344]).

Largo da Trindade. — Depois do terremoto grande fez-se, em 1798, um novo alargamento da serventia em frente da porta da Igreja da Trindade, pelo corte no prédio ao sul da rua, de uma tira de chão com 70p. ($15^m,4$) de frente, e 20p. ($4^m,4$) de fundo ao nascente e 41p. (9^m) ao poente ([345]).

Assim se ampliou a via pública que tem hoje impròpriamente o nome de Largo da Trindade ([346]).

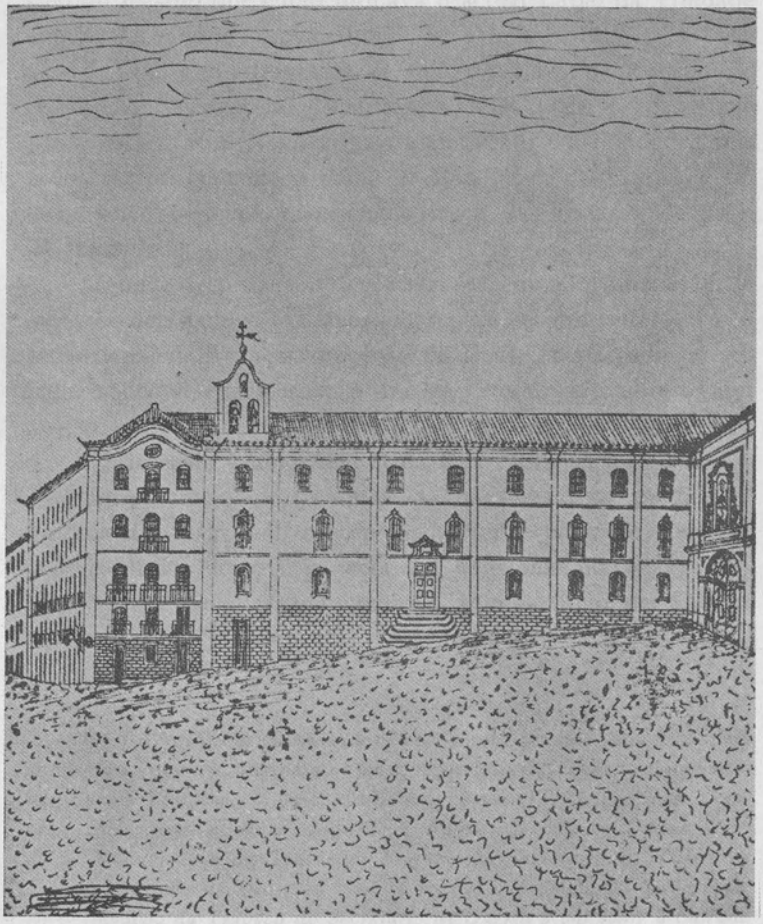
Rua Nova da Trindade. — Pouco anos andados depois do Convento da Trindade ter entrado na posse do Estado pensou-se em abrir uma comunicação pelo meio do terreno do

([343]) *Monumentos Sacros de Lisboa em 1833*, por Luiz Gonzaga Pereira, ms. da Biblioteca Nacional de Lisboa, n.º 215 da Secção dos Reservados, publicado pela mesma Biblioteca em 1927, pág. 201. Foi reproduzida a vista da fachada do Convento em *O Carmo e a Trindade*, vol. III, em frente da pág. 192.

([344]) Veja-se a divisão em lotes em: *O Carmo e a Trindade*, por G. de Matos Sequeira, vol. III, pág. 220.

([345]) *O Carmo e a Trindade*, vol. III, pág. 227. Não compreendemos a disposição topográfica deste distrato.

([346]) As suas dimensões são: comprimento, 43^m; largura à face da Rua Nova da Trindade, 14^m; idem, à face da Rua da Misericórdia, 16^m.



FRONTARIA DO CONVENTO DA TRINDADE
SOBRE O LARGO DA TRINDADE EM 1833

A direita vê-se o portal da igreja, no sítio do prédio n.º 16
da Rua Nova da Trindade

Desenho de Gonzaga Pereira.

edifício, entre o troço norte-sul da antiga Travessa de João de Deus e a Travessa do Secretário de Guerra, terminando no sítio do recanto que então formava o actual Largo da Trindade com a fachada da nova Igreja da Trindade ([347]).

A rua, que atravessou o sítio do cláustro pequeno do convento, estava sendo aberta em 1838 ([348]), e designada primeiro por Rua Nova atraz do Convento da Trindade, veio a receber oficialmente o nome de Rua Nova da Trindade, incorporando o acima mencionado troço da Travessa de João de Deus ([349]).

Segundo o projecto, devia ela ser em alinhamento recto entre os dois pontos extremos; mas para se aproveitar o troço setentrional da Travessa de João de Deus, já alargado do seu lado ocidental, ficou com o traçado em ângulo obtuso mui aberto.

Edifícios do Lado Oriental da Rua Nova da Trindade. — De um e outro lado povou-se a rua nova com prédios de rendimento, e do lado nascente adaptou-se parte do convento a uma fábrica de cerveja, com um botequim anexo (n.os 20C e 20D), que teve grande nomeada com o título de Fábrica de Cerveja da Trindade.

([347]) O projecto dessa rua existia numa planta, sem data nem assinatura, que se guardava numa repartição do extinto Ministério das Obras Públicas, e cujo título era: *Planta Thopographica Comprehendida, entre as Ruas Larga de S. Roque, Calçada do Duque, Arco de S. Roque, Rua da Trindade, Traveça do Secretario de Guerra, e Traveça de João de Deos; na qual se mostra o projecto da Nova Rua, encontinuação da Traveça do Secretario de Guerra e vai sahir à Calçada do Duque*, etc.

([348]) *Synopse dos Principais Actos Administrativos da Camara Municipal de Lisboa em 1838*, pág. 26. — A abertura da rua começou em 1837, e as obras ainda não estavam concluídas em 1857 (*O Carmo e a Trindade*, vol. III, pág. 224).

([349]) *Edital do Governo Civil*, do 1.º de Setembro de 1859.

Passada para a firma Sociedade Central de Cervejas, foi remodelada, ampliada, e ricamente ornamentada em 1946-48, deixando de ser fábrica, para servir apenas de estabelecimento comercial.

No cláustro grande do convento e noutras dependências que o cercavam acha-se instalada uma antiga oficina de encadernação (n.os 18A e 18B), que é hoje da firma Paulino Ferreira & Filhos; no 2.º andar do prédio funciona a Academia dos Amadores de Música.

No sítio da antiga portaria do convento, onde se edificou a igreja depois do terremoto de 1755, foi construído um prédio de habitação com 5 andares (n.os 16 a 16D), cuja frontaria está toda revestida de azulejos, como dissemos.

DO POSTIGO DA TRINDADE ÀS PORTAS DE S.TA CATARINA

MAPA XI

Traçado da Cerca desde o Postigo da Trindade até às Portas de S.ta Catarina. — Do Postigo da Trindade dirigia-se a muralha da cerca fernandina, com traçado em ângulo mui aberto, até ao sítio do actual Largo do Chiado, pelo meio do quarteirão de casas compreendido entre as actuais Ruas Nova da Trindade e da Misericórdia, e os nossos Largos da Trindade e do Chiado.

A muralha ainda se conserva em quase toda a extensão deste troço, e à vista desde o Teatro da Trindade até à Igreja do Loreto, sendo uma parte ainda a primitiva, e outra parte reconstrução.

Escada de Acesso ao Adarve neste Lanço de Muralha. — Para acesso ao adarve da muralha neste troço da cerca que estamos considerando não consta, nem de plantas nem de documentos, que houvesse mais do que uma escada, que ficava pegada ao muro da cerca, perto da engra ou recanto que formava o seu troço norte-sul com o muro norte das Portas de S.ta Catarina, o qual corria na direcção leste-oeste. Tal é a situação e direcção que parece poder deduzir-se das confrontações do aforamento do local em 1448 e 1555 (350).

(350) *O Carmo e a Trindade*, vol. I, pág. 109. — *Tombo de 1573*, livro 1.º, fl. 445.

Cubelo Pegado à Muralha. — A meio do comprimento deste lanço da cerca existia uma torre, de que se conserva a parte inferior, nas trazeiras do prédio n.º 12 da Rua da Misericórdia. As dimensões da sua secção transversal são $7^m,6 \times$ $\times 7^m,6$, e a altura regula por $6^m,5$, pois que a torre foi demolida até ao tecto da sobreloja do prédio.

Barbacã deste Lanço da Cerca. — A barbacã que existia ao longo deste lanço da cerca, constituída por um fosso ou cava (351), tendo à frente uma banqueta e um muro ou palissada baixa, é mencionada várias vezes por Fernão Lopes nas suas crónicas:

...entre a barbacaan e o muro à porta de Sancta Catherina...; nũca os Castellãos os poderão arrancar daquelle portal da barbacãa, q̃ eram sem portas (352); e no *Tombo de 1573: Quintal grande que antigamente foi barbacã* (353).

Da barbacã ainda no meado do século XVI se conservavam troços, e especialmente um com 30v. × 6v. ($33^m \times 6^m,6$), onde estão hoje os saguões dos prédios n.os 22 a 40 da Rua da Misericórdia (354).

Os Terrenos da Banda de Fora da Cerca Pertenciam à Cidade. — Da banda de fora da cidade os terrenos contíguos à cerca, desde a Torre de Álvaro Pais até às Portas de S.ta Catarina, *que seria dois tiros de bésta* (355), pertenciam ao Município.

(351) Da *cava* ou *guaiva* neste sítio proveio possìvelmente o nome da Rua das Gáveas, que tem a primeira rua da banda do poente e paralela à Rua da Misericórdia *(Lisboa Antiga,* por J. de Castilho, 1.ª parte, 1879, pág. 38), se não era o nome de alguma pessoa ou família que naquela rua tivesse residido.

(352) *Chronica delrey D. Ioam I,* por Fernam Lopez, 1.ª parte, 1644, págs. 198, 205 e 259.

(353) *Tombo de 1573,* livro 1.º, fls. 370 e outras.

(354) *Tombo de 1573,* livro 1.º, fl. 356 v.

(355) Como é aproximadamente 280^m a distância que separa aqueles dois pontos, deduz-se que regulava por 140^m o alcance dos virotões de bésta.

Ressio da Trindade e Vila Nova de S.ta Catarina. — Da banda de dentro da cidade os terrenos do lado norte, ou os mais elevados, que entestavam com a cerca, pertenciam ao Mosteiro da Trindade; e os do lado sul, ou mais baixos, à Câmara de Lisboa. Para o poente destes ficava ainda uma zona pertencente àquela Casa religiosa, que se estendia até ao Largo da Abegoaria (hoje, Largo Rafael Bordalo Pinheiro), a qual constituia o *campo ou ressio* da Trindade ([356]); daí para baixo ou para o sul os chãos eram da Câmara, e as suas casas constituiam a Vila Nova de S.ta Catarina.

Menos de um século depois da conclusão dos trabalhos da cerca fernandina, um e outro lado da muralha foram-se guarnecendo com edificações, quintais e pátios, aforados pelos respectivos senhorios directos, Câmara e Convento da Trindade, os quais muitas vezes mudaram de aspecto e de dono, cobrindo os que actualmente lá estão, aproximadamente, o mesmo terreno que os primeiros aforados.

Prédios da Banda de Fora deste Troço da Muralha. — Vamos estudar primeiro o que existiu do lado exterior deste lanço da cerca, desde o Largo da Trindade até ao do Chiado, a começar do norte ou topo superior do quarteirão.

Todos os prédios aí construídos ficavam distanciados da muralha, com excepção talvez de parte do que tem actualmente os n.os 16 a 20 da Rua da Misericórdia, e do que estava no sítio do Teatro da Trindade, deixando um pátio na sua parte posterior entre eles e o muro. Actualmente há no mesmo sítio os saguões dos prédios aí construídos, que são os sucessores dos pátios e quintais quinhentistas, como estes foram os sucessores da barbacã em frente da muralha da cerca.

Reconstituição Topográfica do Local. — Com os elementos do *Tombo de 1573* conseguimos reconstituir o arranjo topográfico de todos os prédios que no terceiro quartel do século XVI

([356]) *O Carmo e a Trindade*, vol. I, pág. 117.

se encostavam ao muro, da banda de fora, como vemos desenhado no nosso Mapa XI.

Os primeiros chãos aí aforados pela Cidade eram em número de 12 ([357]).

O 1.º chão, a contar do norte, aforado a Gaspar de Sampaio, filho do Vice-Rei da Índia, Lopo Vaz de Sampaio, partia com a serventia *do postigo novo da cidade que está no muro*, e tinha 25v. ($27^m,5$) de frente para a *Rua Pública que vai de N. S.ª do Loreto para S. Roque*, e 27v. ($29^m,7$) de profundidade em planta, ou de frente para a serventia, confrontando do lado oriental com o muro da cidade ([358]); o prazo chegava até ao pequeno troço do muro e torre da cerca que o limitavam pelo norte; mas dele foi distratada uma tira de terreno com $28^m,2 \times 5^m,1$, para a construção da serventia entre o Postigo da Trindade e a Rua Larga de S. Roque, como dissemos, de maneira que ficou partindo, do lado norte, com a mencionada serventia.

As quatro propriedades que se seguiam a esta para o sul (2 a 5) ocupavam uma frente, para a Rua Larga de S. Roque (da Misericórdia), de 27,5v. ($30^m,21$), e tinham uma profundidade, em planta, variável entre 14,5v. e 16,5v. ($15^m,95$ e $18^m,15$), por traz das casas ficava um *quintal grande, que antigamente foi barbacã* ([359]); e nas trazeiras da quinta havia uma cisterna ([360]); os saguões dos prédios n.os 20 a 42 da Rua da Misericórdia estão no sítio dessa barbacã e quintais.

A cisterna ainda lá está, mas tem actualmente a serventia pelo saguão do prédio n.º 20, nas trazeiras da caixa da escada do prédio.

([357]) As suas dimensões e confrontações constam do *Tombo de 1573*, livro 1.º, de fls. 348 a 359.

([358]) *Tombo de 1573*, livro 1.º, fl. 359.

([359]) *Tombo de 1573*, livro 1.º, fls. 370 e 355 a 358.

([360]) *Tombo de 1573*, livro 1.º, fl. 356.

O 6.º praso abrangia o actual prédio n.os 14 a 20, e entestava com a muralha ([361]); este prédio absorveu mais a 7.ª casa, que tem hoje o n.º 12. Aproximadamente a meio do prédio moderno, corre no rés-do-chão uma galeria ladeada por mostradores (porta n.º 14), que conduz ao Teatro do Ginásio, atravessando a muralha da cerca.

A casa do 7.º chão entestava pelo fundo com a torre da muralha da cerca ([362]). Tinha de frente 4v.4p. (5^m,28), medição feita pelo interior da casa.

Este prédio corresponde à actual loja n.º 12, como dissemos, onde até há poucos anos esteve o botequim Tokai, e ao fundo da qual, assim como na sua sobreloja, pode ainda observar-se a parte inferior da torre, que se conserva até à altura do tecto da sobreloja, com cerca de 6^m,5, acima do nível da rua. Daí para cima foi demolida, e sobre ela acham-se compartimentos do 1.º andar do prédio, cuja porta de entrada é pelo n.º 20 da referida rua.

Os restantes 5 chãos (8 a 12) ocupavam uma frente total de 22v.0,5p. (24^m,2), com uma profundidade variável entre 9v.1p. e 11v.3,5p. (10^m,02 e 12^m,87), e todos topejavam do nascente com o muro do quintal de N. S.ª do Loreto; e o derradeiro (12), que pouco depois de 1573 pertencia à Irmandade do Loreto, confinava também com a própria igreja, pelo sul ([363]). Havia ainda, entre a igreja e a última casa, um chão formando *chave*, cuja disposição não nos foi possível compreender.

Os chãos ao norte da igreja, até àquele em que estava a torre do meio do lanço (7), foram adquiridos pelos confrades da Irmandade do Loreto, para aumentarem as suas instalações, e para a edificação de prédios de rendimento.

([361]) *Tombo de 1573*, livro 1.º, fl. 354.
([362]) *Tombo de 1573*, livro 1.º, fl. 353.
([363]) *Tombo de 1573*, livro 1.º, fls. 348 a 352.

Quintal da Igreja do Loreto. — O quintal que havia sido a barbacã da cerca neste sítio devia ter, no meado do século XVI, cerca de 40^{m} de comprimento e uma largura igual, pelo menos no lado norte, à saliência da torre, uns 6^{m}, ficando no mesmo cordeamento ou à face com ela.

Em consequência da ampliação da igreja e construção da sacristia e de outra obras, o quintal está hoje reduzido a um pequeno e estreito saguão.

Na muralha da cerca, no fundo desse saguão, existiu uma passagem ou comunicação do saguão da igreja com o desaparecido saguão do prédio que ficava do outro lado do muro. Essa porta ou passagem está hoje vedada, formando um armário, dependência do templo.

Incêndio e Reconstrução dos Prédios Exteriores à Cerca. — As primitivas construções que neste local se fizeram, desde o Postigo da Trindade até às Portas de Sta Catarina, foram incendiadas pelos espanhóis em 1589, por ocasião das pretensões de D. António, Prior do Crato, ao trono de Portugal ([364]).

Construídas depois, reconstruídas várias vezes, e tendo passado por diferentes donos, são hoje o Teatro da Trindade e os grandes e belos prédios que orlam o lado oriental da Rua da Misericórdia, antiga Rua Larga de S. Roque, de que já tratámos ([365]).

1.ª Igreja de N. S.ª do Loreto. — Perto do extremo sul deste lanço do muro que estamos estudando foi fundada, da banda de fora da cidade, a Igreja de N. S.ª do Loreto.

Nesse sítio havia uma edícula ou ermida dedicada a S.^{to} António, que o Sr. Matos Sequeira presume que seria

([364]) *Demonstração Histórica*, etc., por Fr. Apolinário da Conceição, 1756, pág. 196.

([365]) Pode ver-se a relação dos sucessivos proprietários destes prédios desde o século XVI até à actualidade em: *O Carmo e a Trindade*, vol. I, págs. 282 a 287, e vol. II, págs. 195 a 202.

apenas um simples nicho, aberto na própria muralha da cerca ([366]).

Deve-se à colónia italiana residente em Lisboa a fundação da Igreja, *em um chão ou ponta de terra q̃ está fora, pegado ao muro da mesma cidade de Lisboa,* tendo sido a igreja aberta ao culto em 8 de Janeiro de 1522 ([367]) (1.ª igreja).

O templo estava um pouco afastado da cerca, e a sua frontaria, voltada ao sul, ficava afrontada pelo muro e torre norte das Portas de S.ta Catarina, situadas a pequena distância.

Assim está representado na vista *Olissippo,* do album de Jorge Bráunio (n.º 110. *Temp D.N. do loreto),* conquanto esta vista perspectiva tenha sido editada depois de 1596, quando o templo já tinha sido reconstruído pegado à cerca, como vamos ver.

Erecção da Igreja em Paróquia e Delimitação do seu Território. — Os confrades de N. S.ª do Loreto erigiram-na em paróquia em 2 de Janeiro de 1551, e o seu território foi delimitado em 24 do mesmo mês ([368]).

2.ª Igreja do Loreto. — Vinte e dois anos decorridos desde a creação da freguesia pensou-se em ampliar a igreja.

Essa ampliação fez-se, para o sul à custa da estreita passagem que existia entre a fachada principal da igreja e a torre norte das Portas de S.ta Catarina, que foi demolida mediante autorização dada em alvará de 10 de Julho de 1573 ([369]), e para o nascente pelo aproveitamento do corredor ou quintal que existia entre a fachada lateral do templo e o muro da cidade.

([366]) O *Carmo e a Trindade,* vol. I, pág. 294.

([367]) *Mappa de Portugal,* por J. Baptista de Castro, tomo III, 1763, pág. 322.

([368]) Os termos da delimitação podem ver-se em: *O Carmo e a Trindade,* vol. I, pág. 297.

([369]) *Elementos,* etc., tomo V, pág. 348, nota.

Condições Impostas para a Demolição da Torre Norte das Portas de S.ta Catarina. — O alvará régio de 1573, que autorizou a demolição da Torre das Portas de S.ta Catarina, também impoz certas condições para se organizar a defesa do local em caso de guerra, entre as quais constava a de se entulhar a igreja até à altura que se julgasse necessário ([370]).

3.ª Igreja do Loreto. Incêndio em 1651. — Neste ano, em 29 de Março, um incêndio, começado num sepulcro do interior da igreja, destruiu-a completamente; foi logo reconstruída, aumentando-se então de mais 27,5p. (6^m,05) a profundidade da capela-mor.

Depois deste incêndio comprou a Irmandade, entre os anos 1657 e 1663, alguns prédios da Rua Larga de S. Roque, ao norte da igreja, que eram os dos chãos quinhentistas n.os 7, ou parte deste, e 8 a 10.

A nova sacristia, que começou a ser construída em 1703, ficou concluída em 1705 ([371]). É a que actualmente existe, e ocupa o chão dos prédios quinhentistas n.os 11 e 12, como se vê no nosso Mapa XI.

Transferência da Freguesia para a Ermida do Alecrim. Reabertura do Templo. — Durante as obras de reconstrução, que terminaram em 1676, a paróquia transferiu-se para a Ermida de N. S.ª do Alecrim, sita na Rua do Conde (de Vimioso, actualmente Rua do Alecrim), e o templo reconstruído inaugurou-se solenemente em 8 de Setembro de 1676 (3.ª igreja).

Por desinteligências entre os italianos, senhores da igreja, e o Cabido da Sé, foi em 1679 ordenada superiormente a saída dos portugueses da igreja do Loreto e a instalação da paróquia novamente na Ermida de N. S.ª do Alecrim, donde havia vindo 3 anos antes. Desde 1679 a paróquia do Loreto, na sua igreja, ficou sendo exclusivamente dos italianos residentes em

([370]) *Elementos*, etc., tomo I, pág. 590; tomo V, pag. 348, nota.
([371]) *O Carmo e a Trindade*, vol. II, pág. 244.

toda a cidade, mas sem território privativo, exceptuando o que a igreja cobre.

Dimensões da Igreja em 1723. — De um documento do ano 1723 constam as dimensões da igreja como existia antes do terremoto de 1755, que eram as seguintes, reduzidas a metros: Corpo da igreja: $20^m,26$ de comprimento por $16^m,8$ de largura; capela-mor: $9^m,46$ de comprimento $\times$ $5^m,78$ de largura ([372]). Por elas fizemos o desenho da planta da igreja no nosso Mapa XI.

4.ª Igreja do Loreto. Terremoto de 1755. — Sofreu a igreja pequeno dano pelo terremoto de 1755, mas o incêndio comunicado pelos telhados do prédio contíguo do lado do levante destruiu-a completamente, pelo que os italianos adaptaram a sacristia, que havia ficado incólume do incêndio, a igreja provisória. Começou-se imediatamente a reconstrução do templo, que foi novamente aberto ao culto, com grandes festas, em 13 de Outubro de 1771 ([373]) (4.ª igreja).

Propriedades Sitas do Lado Interior da Cerca Fernandina. — Estudemos agora as vicissitudes por que passaram os prédios sitos neste quarteirão de casas, entre os Largos da Trindade e do Chiado, da banda interior da cerca, a começar do norte.

Os edifícios que actualmente estão construídos deste lado da cerca, e que são os sucessores dos que aí tem existido desde o começo do século XVI, ficam todos adjacentes à muralha da cidade, a qual forma a sua parede do fundo; a sua frente, ou uma das frentes, deita para a Rua Nova da Trindade, antigamente Travessa do Secretário de Guerra.

Esses edifícios, a partir do norte, são os seguintes: Teatro da Trindade, Companhia dos Telefones, Teatro do Ginásio, prédio n.os 3 e 3A, e prédio n.º 1 que esquina para o Largo do Chiado; e os seus chãos são aproximadamente os mesmos

([372]) *O Carmo e a Trindade*, vol. II, pág. 235.
([373]) *As Freguesias de Lisboa*, pelo autor, 1943, pág. 47.

em que primitivamente se dividiu o local em lotes no século XVI para venda ou aforamentos.

Palácio de Álvaro Gonçalves de Moura. — O primeiro chão, o do norte, foi adquirido em 1548 ao Convento da Trindade por Gaspar de Sampaio, que já era foreiro de outros chãos da cidade da banda de fora da cerca, incorporando tudo num extenso terreno, intra e extramuros, onde tencionava construir *umas casas muito boas e de muito boa vista* (374).

Estes terrenos, fora e dentro da cidade, confinavam com a torre do extremo do lanço que vinha da Torre de Álvaro Pais, antes de se haver tirado a nesga com $28^m,2 \times 5^m,1$ para a abertura da serventia, construída em 1556, para ligação da Rua Larga de S. Roque com o beco onde estava o Mosteiro da Trindade, como dissemos; ficaram, depois deste distrato, confrontando do norte com a referida serventia, e do poente e nascente respectivamente com as actuais Ruas da Misericórdia e Nova da Trindade (375).

Ao centro deste terreno havia um quintal grande, onde estava uma estrebaria (376).

Por contrariedades supervenientes não construiu Gaspar de Sampaio as casas que ambicionava, e foi Álvaro Gonçalves de Moura, Comendador da Negrita, quem veio a edificar nesses terrenos umas casas nobres, que foram aumentadas ainda com a aquisição que um dos proprietários, nos fins do século XVII, fez de outras casas e um quintal que lhe ficavam ao sul, do lado interior da muralha, e que tinham para a Rua Nova da Trindade uma frente com a extensão total de $30^m,25$, como veremos.

(374) *O Carmo e a Trindade*, vol. I, pág. 215.

(375) Parece que o chão aforado ficou chegando só até à distância de 1v. do cunhal do postigo: *e isto passando a torre* (aliás o muro?) *onde está o postigo novo, 1 vara. Tombo de 1573*, livro 1.º, fl. 359.

(376) *Tombo de 1573*, livro 1.º, fl. 360.

Outros Proprietários ou Moradores do Palácio. — Com o rodar dos tempos estas casas nobres mudaram várias vezes de dono, e de entre os seus proprietários mencionaremos o Monteiro-mor D. Francisco de Melo, o Secretário de Estado Roque Monteiro Paim, que enobreceu e ampliou as casas, e os Condes de Alva.

No século XVII foi um dos proprietários das casas nobres o Secretário da Guerra Francisco Pereira da Cunha, que lá vivia em 1662, e deu o nome à via pública em que elas se achavam situadas: Travessa do Secretário de Guerra.

Estabelecimentos Industriais e Outros que também ali se Instalaram. — Naquelas casas instalou-se, no século XVII, uma Fábrica de Fitas de Seda ([377]), que ficava no sítio da actual entrada do edifício da Companhia dos Telefones; no tempo de D. João V aí funcionou uma casa de espectáculos intitulada Casa da Ópera ou Academia da Trindade ou de Música ([378]); e no século XIX uma Fábrica de Aletria ou Real Fábrica de Massas.

As casas ficaram arruínadas pelo sismo de 1755, e sobre as suas ruínas levantaram-se várias barracas, lojecas e casas de malta.

Teatro da Trindade. — Uma companhia que no meado do século XIX se organizou com o fim de promover espectáculos públicos adquiriu os terrenos do palácio que foi dos Condes da Alva e do Secretário da Guerra, e mandou construir o edifício do Teatro da Trindade, com um Salão anexo ao sul, destinado a concertos e a festas. O Teatro foi erigido no sítio das primitivas casas de Gaspar de Sampaio, ficando com as frentes para o Largo da Trindade e Ruas Larga de S. Roque e Nova da Trindade; o Salão era no terreno ao sul, que fora adicionado, por compra, ao das primitivas casas

([377]) *O Carmo e a Trindade*, vol. II, pág. 36.
([378]) *Idem*, pág. 32.

nobres, como dissemos, e com a frente para a primeira das mencionadas ruas.

Começaram as obras do teatro em 5 de Junho de 1866, inaugurando-se primeiro o Salão, no entrudo de 1867, e depois o teatro em 30 de Setembro do mesmo ano.

Venda do Teatro e do Salão à Companhia dos Telefones. —O proprietário do Teatro da Trindade vendeu-o, em 22 de Janeiro de 1920, à Companhia dos Telefones (The Anglo-Portuguese Telephone C.º), que tinha em mira aproveitar o terreno para a construção de um edifício privativo para os seus serviços. Começou-se por demolir o Salão da Trindade, e inaugurou-se no seu local o edifício da Companhia em 30 de Maio de 1925.

Revivescência do Teatro da Trindade. — Como a Companhia dos Telefones julgou prescindível para os seus serviços a parte do edifício onde havia sido o teatro, vendeu-a, e os novos proprietários fizeram nela as obras necessárias para o repor em estado de funcionar como teatro.

Os trabalhos de adaptação começaram em 14 de Maio de 1923, e a nova casa de espectáculos inaugurou-se em 5 de Fevereiro do ano imediato (379).

Dois Chãos Imediatos, para o Sul, à Propriedade de Álvaro Gonçalves de Moura, e nela Incorporados. — A propriedade contígua, da banda do sul, a esta onde foi construído o Teatro da Trindade, era, no meado do século XVI, um quintal com 17,5v. ($19^m,25$) de comprimento, por 12,5v. ($13^m,75$) de largura, que fazia parte dum prazo que havia sido aforado a Gaspar de Sampaio (380), talhão este que foi vendido a Álvaro Gonçalves de Moura, proprietário das casas nobres que lhe ficavam contíguas ao norte, e nelas incorporado.

(379) Todas as notícias sobre os sucessivos proprietários do palácio de Álvaro Gonçalves de Moura e sobre o Teatro da Trindade são extraídas do excelente trabalho do nosso bom amigo e confrade G. de Matos Sequeira; *O Carmo e a Trindade*.

(380) *Tombo de 1573*, livro 1.º, fl. 447.

Para o sul seguia-se um outro talhão que havia sido do mesmo prazo anterior, e que media 10v. (11^m) ao longo da rua e da muralha da cerca, e 13v.3p. (14^m,96) ao norte, e 14v. (15^m,4) ao sul ([381]).

Esta parte do prazo foi igualmente incorporado na propriedade de Álvaro Gonçalves de Moura ([382]).

Fábrica de Fitas e Salão do Teatro da Trindade. — A fábrica de fitas de que fizemos menção ficava no terreno do primeiro talhão do prazo; a área das duas partes ou talhões que constituiam o prazo foi ocupada pelo desaparecido Salão do Teatro da Trindade, e na mesma está actualmente construído o edifício da companhia dos Telefones, como acima dissemos.

Pátio onde Veio a Constuir-se o Teatro do Ginásio. — Ao edifício da Companhia dos Telefones segue-se hoje o Teatro do Ginásio. Foi este levantado em metade do terreno dum prazo de que vamos tratar a seguir, e parece que era um grande pátio entalado entro os edifícios que precederam o Salão da Trindade e o prédio n.os 3 e 3A, contíguo ao que esquina para o Largo do Chiado.

No século XIX construiu-se nele um barracão para espectáculos de variedades, o qual foi denominado Novo Ginásio Lisbonense; inaugurado em 12 de Outubro de 1845, durou apenas 6 meses.

Teatro do Ginásio. — Uma Companhia que se constituiu para exploração de espectáculos públicos transformou o barracão do Circo no Teatro do Ginásio, que se inaugurou em 17 de Maio de 1846. Foi reconstruído, e novamente inaugurado em 16 de Novembro de 1852, tendo durado até 6 de Novembro de 1921, dia em que ardeu completamente, sendo

([381]) *Tombo de 1573*, livro 1.º, fl. 446. — *O Carmo e a Trindade*, vol. I, pág. 223.

([382]) *O Carmo e a Trindade*, vol. II, pág. 25.

novamente reconstruído desde os alicerces, de betão armado, e inaugurado em Novembro de 1925.

O teatro tem uma saída para a Rua da Misericórdia (porta n.º 14), por um corredor ou galeria atravez do andar térreo do prédio n.os 12 a 20 de polícia; no sítio onde a galeria atravessa a cerca fernandina conhece-se perfeitamente a muralha desta, com a sua primitiva espessura de 2m,20.

Aforamento a Luís Anes, do Chão do Prédio que Torneja da Rua Nova da Trindade para o Largo do Chiado. — O último prédio deste quarteirão de casas, da banda do sul, esquinava da Primeira Travessa da Trindade (Rua Nova da Trindade) para a Rua Direita de S.ta Catarina (sítio do Largo do Chiado, actualmente).

Em 1448 um Luís Anes, senhor do domínio útil de umas casas que tinha em Vila Nova de S.ta Catarina, *acerca do muro da Porta de S.ta Catarina,* tomou aí de aforamento mais dois chãos: um ao sul, em frente da porta das suas mencionadas casas, era um *chão maninho de que a cidade não havia proveito,* o qual topejava com o muro do concelho *(da Porta de S.ta Catarina),* e destinava-o para nele fazer uma cisterna; o outro ficava ao norte, ou nas costas das suas casas, isto é, do lado da Igreja da Trindade, era um *ressio devasso,* e pretendia-o *para ali fazer o q̃ elle aprouvesse* (383).

Algumas Condições do Aforamento. — A cisterna seria alimentada com água colhida no eirado da torre da cerca, e impoz-se ao foreiro a condição de fazer um muro divisório do chão, do lado da Vila Nova, e de pôr um cancelo no topo superior da escada *(de acesso ao muro e torre da Porta de S.ta Catarina),* para que a água caída no eirado da torre chegasse limpa à cisterna; quanto ao chão do lado norte das

(383) As notícias sobre os edifícios que se construiram no terreno do prazo de Luiz Anes, junto à Porta de S.ta Catarina, até ao Teatro do Ginásio, foram recopiladas do já citado valioso trabalho: *O Carmo e a Trindade.*

suas casas, determinou-se que, se o quisesse tapar, devia deixar, para servidão e logramento do muro da cidade, uma passagem ao longo deste muro, tão larga e espaçosa como a largueza da escada mencionada ([384]).

Consta que a cisterna ainda existe, no chão do prédio do Largo do Chiado que esquina para a Rua Nova da Trindade (n.º 1 de polícia), mas apesar das nossas pesquisas e indagações não conseguimos obter informações precisas a tal respeito.

Aforamento da Mesma Propriedade a Álvaro Roiz de Azevedo. — As casas e terrenos referidos foram encabeçadas 36 anos mais tarde, em 1484, em Álvaro Roiz de Azevedo; ao longo do muro da cidade e do lado da rua ou 1.ª travessa que vai da Porta de S.ta Catarina para a Trindade, tinham de comprimento 76v.1p. (83m,82), e de largura, pelo norte 14v. (15m,4), e pelo sul, onde confrontavam com o muro da cidade e torre da Porta de S.ta Catarina, tinham 20v.2p. (22m,44), *até chegar à escada de pedra, serventia do dito muro e torre* ([385]). O terreno deste 1.º praso abrangia o do prédio que esquina para o Largo do Chiado e o do Teatro do Ginásio.

Divisão do Prazo Antecedente em Dois Talhões. — O terreno do prazo foi dividido em dois talhões, sensìvelmente com o mesmo comprimento.

O superior, ou do norte, parece que permaneceu como pátio ou quintal até aos meados do século XIX, e acha-se totalmente ocupado com o edifício do Teatro do Ginásio, de que acabámos de tratar.

Palácio de Lucas Giraldes. Outros Proprietários e Moradores. — No inferior, ou do sul, construiu o enfiteuta Álvaro Roiz umas casas, que mais tarde passaram para o mercador genovês Lucas Giraldes, e depois para os descendentes deste,

([384]) V. citação em *O Carmo e a Trindade*, vol. I, pág. 108.

([385]) *Tombo de 1573, livro 1.º, fl. 448.* O praso constava de duas casas grandes que estavam dentro dum pátio grande, e de um quintal por traz, contíguo ao muro da cidade.

um dos quais foi Sebastião de Sá e Meneses, Alcaide-mor de Sines, que aí edificou um palácio para sua residência. Foi este vendido em praça e comprado em 1708 pelo Secretário da Guerra João Pereira da Cunha Ferraz, que o modernizou e fez outros trabalhos de restauro; o palácio ficou encostado à muralha da cidade, desaparecendo então um pátio e um quintal que estavam nas trazeiras dele.

O palácio é o antecessor do grande prédio que esquina da banda do poente da actual Rua Nova da Trindade (n.º 1 de polícia) para o Largo do Chiado.

Presume o Sr. Matos Sequeira que as três sacadas e as três janelas de peitos na sobreloja do prédio n.os 3 e 3A da primeira mencionada rua, que pertence hoje à Sociedade Agrícola do Cassequel, são os únicos vestígios daquela casa nobre (386).

Foi a casa arrematada em praça em 1754 pela Irmandade do Loreto, que a alugou a vários inquilinos, e em Novembro do ano seguinte ficou incendiada pelo terremoto grande; reedificada, passou por diferentes donos, até que foi adquirida em praça, em 19 de Janeiro de 1939, pela Caixa de Previdência do Ministério da Educação Nacional, sua actual proprietária.

Travessa do Secretário de Guerra. — Quando, no século XV, principiou a urbanização deste local, intramuros, começaram a designar a via pública mais ocidental ali rasgada, à falta dum nome qualificativo, pela perífrase: Primeira Travessa ao longo do Muro, por seguir paralelamente à muralha da cerca, desde as Portas de S.ta Catarina até ao fundo do beco onde se abriu o Postigo da Trindade. Também, no século seguinte, se lhe chamou Rua Direita da Trindade (387).

Passou depois, no século XVII, a denominar-se: Travessa do Secretário ou do Secretário de Guerra, quando nela com-

(386) *O Carmo e a Trindade*, vol. II, pág. 21. — *A Ribeira de Lisboa*, por J. de Castilho, 1.ª ed., pág. 102.

(387) *Summario*, etc., por C. R. de Oliveira, ed. de 1755, pág. 11

prou o prédio e onde se domiciliou o Secretário da Guerra Francisco Pereira da Cunha.

Este prédio era, como vimos, o que ficava no extremo norte do quarteirão, esquinando para o Largo da Trindade, denominação e morada anteriores às de um outro Secretário da Guerra Cunha Ferraz, cujo prédio, no mesmo quarteirão, ficava situado no seu extremo sul, esquinando para o Largo do Chiado.

A denominação conservou-se na via pública que no mesmo local substituiu esta travessa, na reconstrução da cidade posteriormente ao terremoto de 1755 (388), a qual durou até 1863, em que, por edital do Governo Civil de 6 de Julho, foi mandado incorporar, com a mesma denominação de Rua Nova da Trindade, a Travessa do Secretário da Guerra e a rua, alguns anos antes aberta, desde esta travessa até ao Largo de S. Roque, que ainda não tinha denominação oficial.

O P.e Carvalho da Costa diz, em 1712, que se chamava: Travessa junto às portas *(de S.ta Catarina)* (389).

Porta ou Portas de S.ta Catarina. — A porta da cidade designada por esta denominação ficava situada no actual Largo do Chiado, entre as fachadas das Igrejas de N. S.a do Loreto e de N. S.a da Encarnação, e as dos prédios fronteiros contíguos pelo nascente a estas igrejas, e constituia uma das saídas primitivas da cidade para o arrabalde de Alcântara.

Devia o nome à Ermida de S.ta Catarina, de que já tratámos, que era o edifício religioso que mais perto dela existia quando foi construída a cerca de D. Fernando em 1373-75, e era considerada uma das mais fortes do recinto da cerca fernandina, equiparável, sob este ponto de vista, à de S. Vicente da Mouraria (390).

(388) *Regulação para o Estabelecimento da Pequena Posta,* 1801, pág. 65.

(389) *Corografia Portugueza,* tomo III, 1712, pág. 459.

(390) *Carta do Governador de Lisboa, para el Rei* (D. João III ou D. Sebastião), sem data. *Cartas Missivas,* maço 3.º, n.º 41.

Escassos Elementos Descritivos das Portas. — A única planta topográfica em que estas portas estão representadas é a *Planta da Cidade de Lisboa* (1650) por João Nunes Tinoco, a qual as mostra constituindo um recinto ou quadra rectangular, com cerca de 20^{m} de largura por 22^{m} de profundidade, exteriormente.

Neste mapa vê-se o muro lateral sul da quadra terminando numa torre defensiva, que devia ser simétrica com outra que tinha existido no muro norte, já ali não representada por haver desaparecido desde o ano 1577. Entre as duas torres devia ficar a porta.

Ao centro do recinto das Portas está desenhado nesta Planta um corpo do edifício ou uma pequena casa, com a forma pentagonal em planta, que tem sido considerada como uma torre ôca, mas cuja significação, na realidade, não conseguimos compreender.

A vista perspectiva de Lisboa, por Jorge Bráunio *(Olissippo,* 1593) mostra as Portas de Sta Catarina com outro aspecto e, em especial, guarnecidas com *quatro* torres, disposição esta que nenhum documento conhecido permite confirmar, e que se deve atribuir à fantasia ou pouco cuidado dos artistas que fizeram o desenho para a gravura.

Torres das Portas de Sta Catarina. — A torre norte, da frente das Portas, foi demolida no ano 1577 ([391]), para a Igreja do Loreto poder *correr por diante,* como vimos. A torre sul foi demolida mais de um século depois, em 1699 ([392]), para a construção da Igreja da Encarnação.

Portais do Recinto das Portas. — O recinto tinha dois portais no muro do fundo, isto é, no voltado para a cidade, um dos quais, o do sul, foi tapado, possìvelmente, quando se

([391]) *Elementos,* etc., tomo V, pág. 349, nota.

([392]) V. *Elementos,* etc., tomo IX, pág. 554. Consulta da Câmara, de 29 de Maio de 1699.

demoliu a torre norte em 1577. O do norte permaneceu até à demolição completa das portas em 1702, e está representado na planta de Tinoco.

Neste portal é que se propunha, na vistoria efectuada em 1625, que se puzessem os batentes de madeira.

Como o rasgamento produzido em 1577 pela demolição da torre e da muralha contígua deixara um perigoso vão aberto na cerca, propôs-se nessa vistoria que se construisse um *ribilim* ([393]) (revelim, trincheira com a forma de um V em planta) em frente da abertura da cerca.

Parece-nos impossível saber-se hoje mais alguma coisa a respeito da estrutura das Portas, porque os documentos que existem são bastantes confusos para que deles se possam colher elementos elucidativos exactos.

Casas e Chãos no Interior das Portas de S.ta Catarina. — No interior da quadra das Portas havia, talvez desde que se derrubou a torre norte, várias casas e *pataneios* ou pátios, encostados à muralha do sul, deixando livre uma larga passagem entre elas e a frontaria da Igreja do Loreto.

Uns chãos com a forma triangular em planta, situados nos dois cantos orientais da quadra, foram emprazados, no meado do século XVI, a D. Beatriz de Mendoça, viúva de António da Silveira ([394]).

Cerca de um século mais tarde foram aforadas pela cidade, em 1562 e 1567, ao Conde de Cantanhede, D. António Luís de Meneses ([395]), uma casas e chãos no interior da quadra, e da escritura de aforamento constam as suas confrontações e medições.

([393]) *Elementos*, etc., tomo III, pág. 168.

([394]) *Tombo de 1573*, livro 1.º, fl. 364.

([395]) *Emprazamentos*, livro 17, no Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa, fls. 17 v. e 25. — Citado também em *O Carmo e a Trindade*, vol. I, pág. 310, nota.

No documento alude-se a uma casa térrea *que tem porta de serventia para a porta principal da igreja do Loreto e por dentro tem cinco cantos; e tem de comprido pela banda do poente 5 varas e 3 palmos* ($6^m,16$), *e parte com rua publica e adro do Loreto; e pela outra banda, que é o muro da torre da cidade que fica para o assougue do Colleitor, tem por esta banda 3 varas e 1 palmo* ($3^m,52$); *pela banda do sul parte com o mesmo muro da cidade e tem 2 varas* ($2^m,20$), *e pela parte do norte parte com a torre do mesmo muro da cidade, e tem 5 varas* ($5^m,5$); *pelo levante é dividida com um frontal, e tem 4 varas e 1 palmo* ($4^m,62$).

Esta casa poderia, por ter 5 cantos, identificar-se com a casa pentagonal do centro da quadra na Planta de Tinoco, mas não se concebe como é que ela podia confrontar do sul com uma torre, e do norte com outra, a qual não podia ser senão a do lado norte das Portas, mas que já havia desaparecido havia 85 anos!; e bem assim, como é que tendo a casa uns $4^m,5$ ou $5^m,5$ de largura podia ficar contígua a torres ou muros do recinto das portas, que, mesmo no caso de existirem, deviam ficar distanciados mais de 15^m!

Era esta a casa extrema do lado ocidental, dentro do recinto das portas; as outras duas casas e dois pataneios ficavam-lhe seguidas para o nascente; *todas ficam metidas na serventia que era a antiga das portas da cidade* (quadra do recinto das Portas), e *todas as suas devidas confrontações, assim do Norte, como do Sul como do levante e poente são os muros e torres da cidade.*

Estas prolixas confrontações são, porém, confusas e insuficientes para que se possa compreender a topografia do local, e apenas mostram que o recinto das Portas era bastante vasto para que dentro dele pudesse haver várias casas e pataneios.

Por isso desenhámos no nosso Mapa XI a planta das Portas de S.ta Catarina como a conjecturamos, baseando-nos na Planta de Tinoco, e no pouco que pode deduzir-se das mencionadas confrontações.

Escadas de Acesso aos Muros das Portas. — Para acesso ao alto das muralhas das Portas e dos eirados das torres havia duas escadas.

Uma, na direcção norte-sul, ficava contígua ao troço da muralha que descia do Postigo da Trindade, e ali formava um recanto com a das Portas, como parece deduzir-se das confrontações do chão aforado a Álvaro Roiz, de que acima tratámos ([396]).

A outra, na direcção nascente-poente, que é a única que foi representada na Planta de Tinoco (1650), ficava contígua ao muro sul do recinto das Portas, e era também serventia das casas de D. João de Sousa da Silveira, que parece que estavam encostadas à muralha da cerca, no lado sul das Portas.

Imagens e Inscrições nas Portas de S.ta Catarina. — No muro das Portas de S.ta Catarina estava colocada por cima do vão, do lado ocidental ou para o exterior da cidade, uma imagem de N. S.a do Loreto, e para o interior uma de S.ta Catarina.

Além da imagem estava afixada no muro dianteiro (na torre ?) da banda do mar, uma lâmina de pedra com a inscrição comemorativa da eleição da Virgem para padroeira do Reino, semelhante à que ainda existe no local das portas da cidade chamadas Portas da Cruz, e que, ao tratarmos destas, transcreveremos.

Ambas as imagens, que eram de pedra e posteriores à construção da cerca, foram colocadas, no dia 7 de Junho de 1710 ([397]), em nichos na fachada da Igreja de N. S.a da Encarnação, e depois do terremoto de 1755, na da igreja reedificada, onde se conservam.

As colunas que estavam nas Portas da cidade foram aplicadas na porta principal do açougue que existia no Terreiro

([396]) *Tombo de 1573*, livro 1.º, fl. 445.

([397]) *Lisboa Antiga*, 1.a parte, *O Bairro Alto*, por J. de Castilho, 2.a ed., vol. II, pág. 62.

do Paço antes do terremoto de 1755 ([398]). A lápide desapareceu.

Rua das Portas de S.ta Catarina e Largo das Duas Igrejas. — No local das Portas de S.ta Catarina terminava, da banda de dentro da cidade, a rua que tinha o nome de Rua Direita das Portas de S.ta Catarina, de que é hoje representante a Rua Garrett. O alargamento que a rua ainda forma, no seu extremo superior ou ocidental, chamava-se, por ocasião do terremoto de 1755, *Largo das Cavallarices, no sitio das Portas de S.ta Catharina,* e as suas medidas eram: 28v.2,4p. (31m,33) de comprimento no sentido nascente-poente, e 25v.3,6p. (28m,29) no da largura, *terminando-se a parte oriental do dito largo, de uma parte na Igreja Nova* (da Encarnação) *e da outra na do Loreto* ([399]). O medidor excluia deste Largo o terreno intermédio às duas igrejas.

No século XIX o Largo, até às faces laterais ocidentais dos dois referidos templos, chamava-se Praça das Duas Igrejas ou Largo do Loreto ([400]).

A Rua das Portas de S.ta Catarina passou a ser Rua do Chiado ([401]), e chegava até à Praça de Luís de Camões, desaparecendo a denominação oficial do Largo, que todavia continuou nos letreiros das esquinas, e na toponímia popular. O nome de Largo das Duas Igrejas foi novamente invocado quando se determinou a sua mudança para Largo do Chiado ([402]), que hoje possui.

([398]) *Demonstração Histórica,* etc., por Fr. Apolinário da Conceição, 1750, pág. 197. — A inscrição está na pág. 195.

([399]) *Tombo de 1755, Bairro dos Remolares,* fl. 86.

([400]) *Regulação para o Estabelecimento da Pequena Posta,* 1801, pág. 69. — *Roteiro das Ruas de Lisboa,* por E. O. Pereira Queiroz Vellozo, 1.ª ed., 1864, pág. 100.

([401]) Edital do Governo Civil, de 1 de Setembro de 1859.

([402]) Deliberação municipal de 14 de Abril, e edital de 19 de Maio de 1925.

C. M. L.
GABINETE
DE ESTUDOS
QUIOSENSES

ÍNDICES

ÍNDICE DO TEXTO

Páginas

PREFÁCIO 5

QUESTÕES PRELIMINARES:

Palavras dum Mestre 7
Fontes do Presente Trabalho 11
Traçado da Cerca e Disposições Construtivas 15
Torres e Cubelos da Cerca 23
Portas e Postigos 25

LANÇO OCIDENTAL:

Do Castelo de S. Jorge às Portas da Mouraria — Mapa I 33
Das Portas da Mouraria ao Postigo do Arco da Graça — Mapa II 49
Do Postigo do Arco da Graça ao Postigo de Sant'Ana — Mapa III 67
Do Postigo de Sant'Ana às Portas de S.to Antão — Mapa IV 77
Da Porta de S.to Antão ao Paço dos Estáos — Mapa V 93
Do Paço dos Estáos ao Postigo de S. Roque — Mapa VIII 113
Do Postigo de S. Roque ao Postigo da Trindade — Mapas IX e X 145
Do Postigo da Trindade às Portas de S.ta Catarina — Mapa XI 159

ÍNDICE DAS ESTAMPAS

Páginas

Torre de S. Lourenço 34
Largo Martins Moniz e Escadinhas da Saúde 40
Arco do Marquês de Alegrete em 1862 42
Arco do Marquês de Alegrete em 1946 — Lado norte 44
Inscrição Comemorativa da Construção da Cerca 46
Fachada Oriental do Palácio do Marquês de Alegrete 50
Torre do Jogo da Péla 62
Nicho de N. S.ª da Graça 64
Troço de Muralha e Torre entre a Rua Martim Vaz e a Calçada Nova do Colégio 68
Troço de Muralha ao longo da Calçada Nova do Colégio 72
Torre de Sant'Ana 74
Calçada de Sant'Ana junto ao Beco de S. Luís da Pena, vista do Norte para o Sul 76
Ermida do Senhor Jesus da Salvação e Paz, na Calçada de Sant'Ana 78
Encosta Oriental do Monte de S. Roque em 1809 114
Torre do Conde ou do Condestável 118
Encosta Oriental do Monte de S. Roque em 1860 126
Palácio Cadaval na Antiga Rua do Príncipe 128
Largo Trindade Coelho, Antigo Largo de S. Roque 142
Frontaria do Convento da Trindade sobre o Largo da Trindade em 1833 156

NO FIM DO VÓLUME

MAPAS I A XI

Planta parcial de Lisboa do ano 1884, na qual está marcado o traçado da Cerca Fernandina.

Planta da Cidade de Lisboa em 1650, por João Nunes Tinoco.

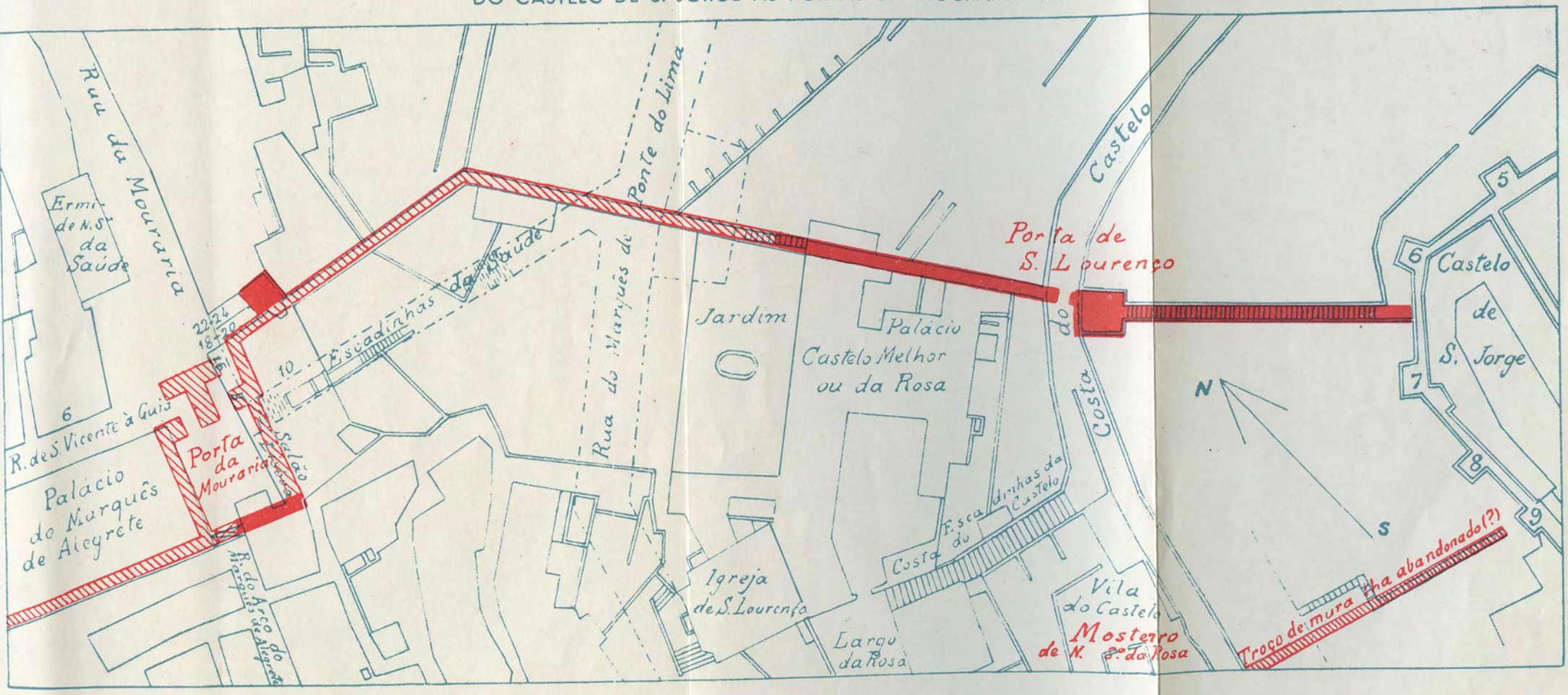
Vista perspectiva de Lisboa no fim do século XVI, do 5.º volume dos albuns de Jorge Bráunio Agrippinense.

A propriedade literária desta obra foi adquirida pela C. M. L. por escritura de 28 de Agosto de 1948

Executado por:
Sociedade Tipográfica, S.A.
Dezembro 1987
Depósito Legal Nº 20345/87

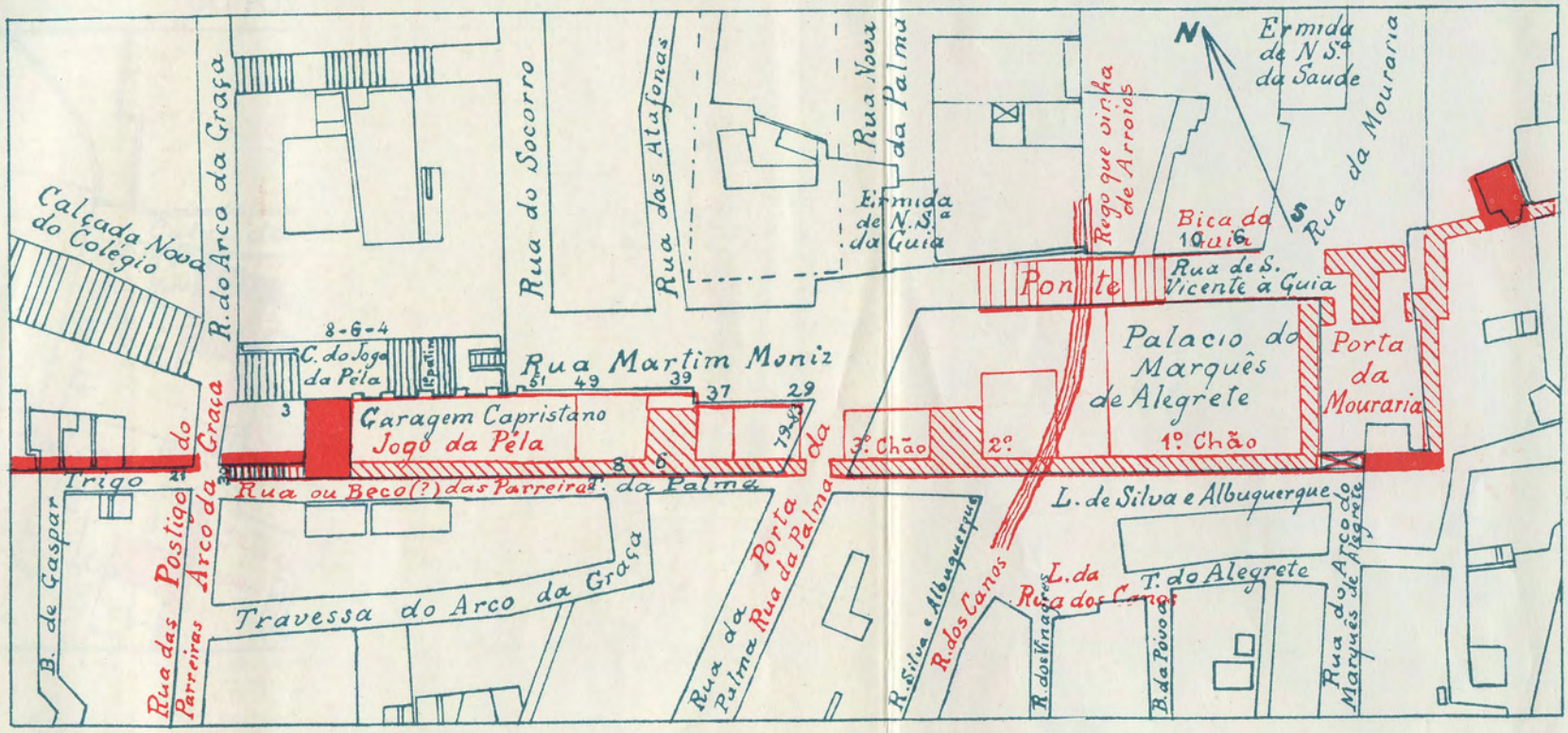
DO CASTELO DE S. JORGE ÀS PORTAS DA MOURARIA ←

MAPA I



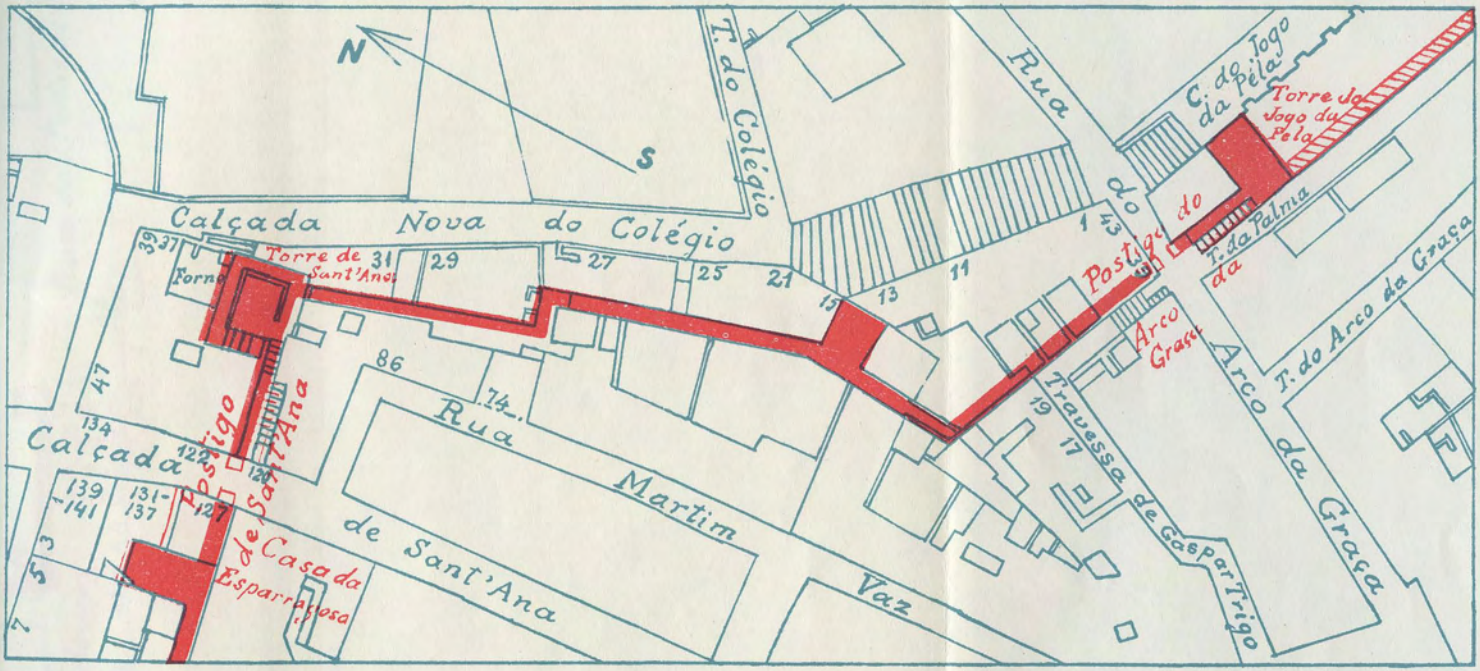
DAS PORTAS DA MOURARIA AO POSTIGO DO ARCO DA GRAÇA ←

MAPA II



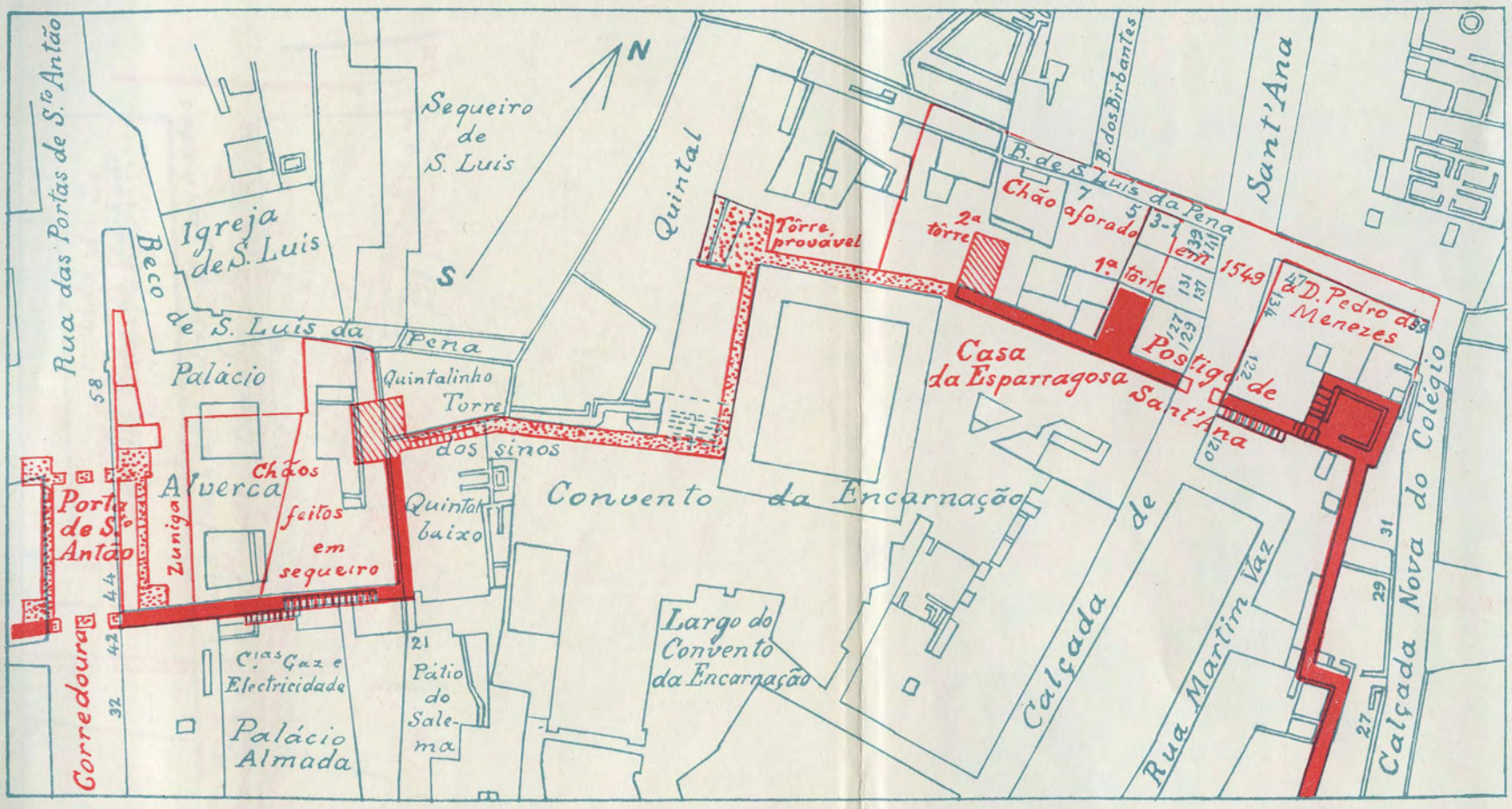
DO POSTIGO DO ARCO DA GRAÇA AO POSTIGO DE SANT'ANA ←

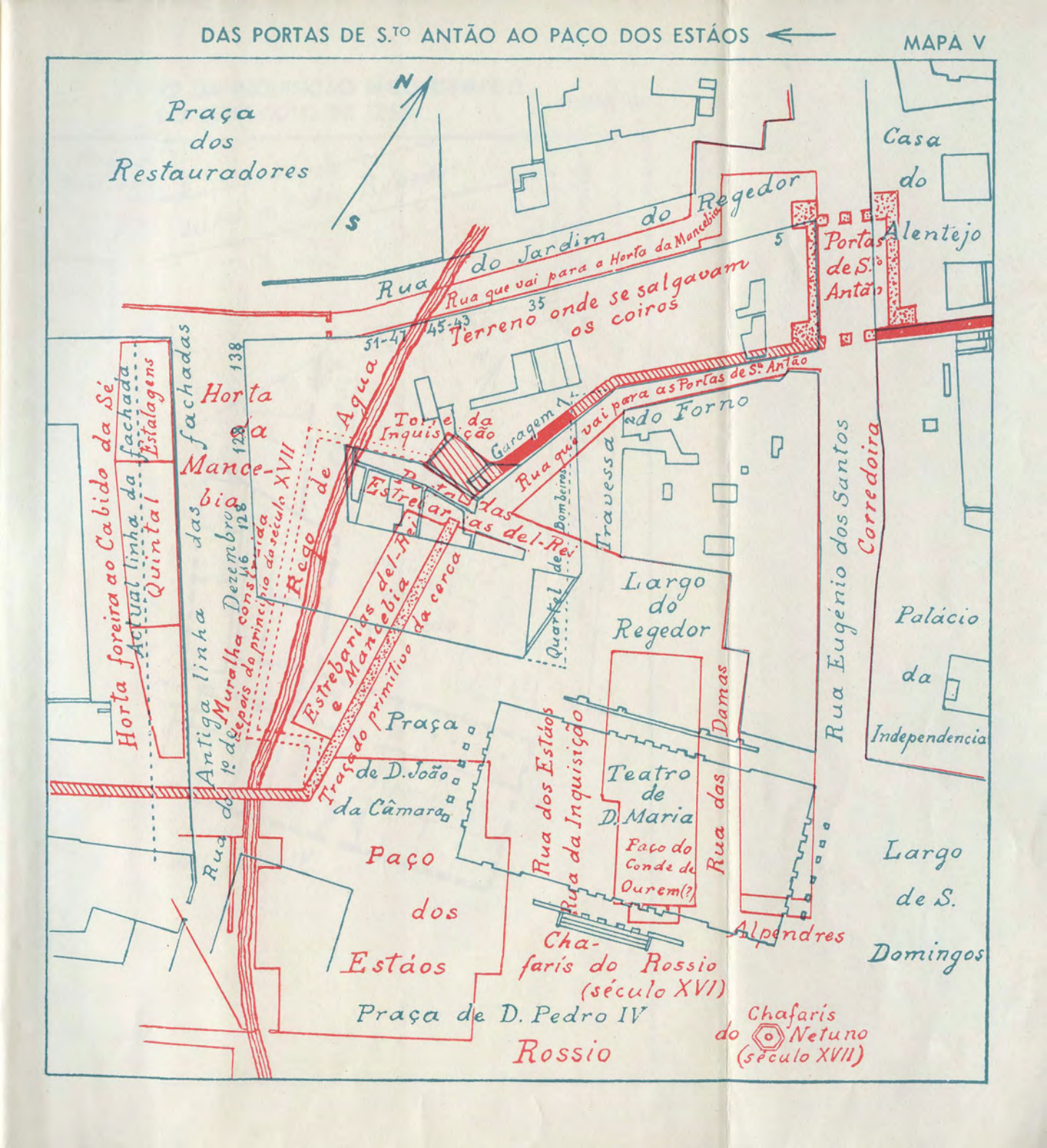
MAPA III



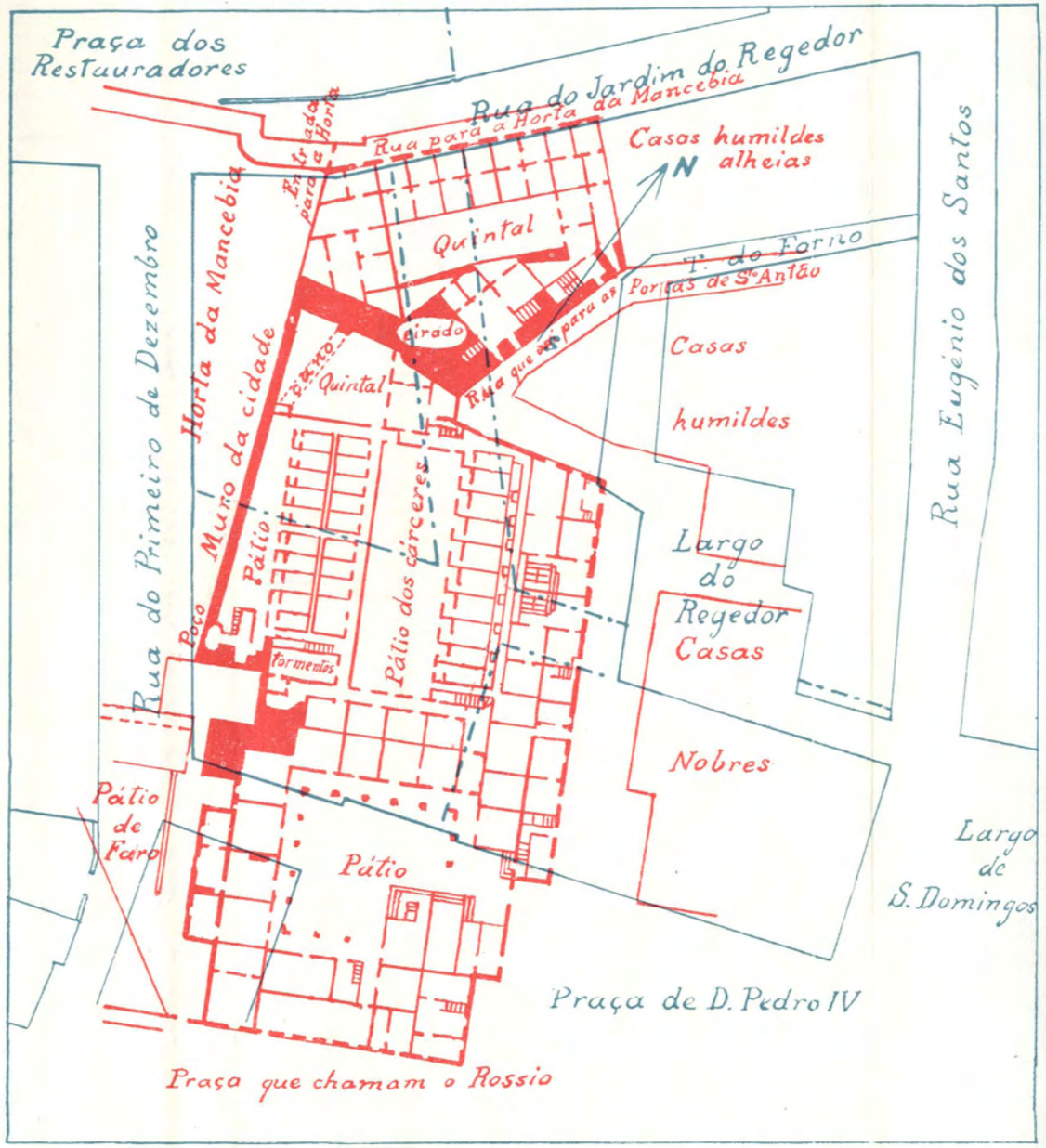
DO POSTIGO DE SANT'ANA ÀS PORTAS DE S.TO ANTÃO ←

MAPA IV

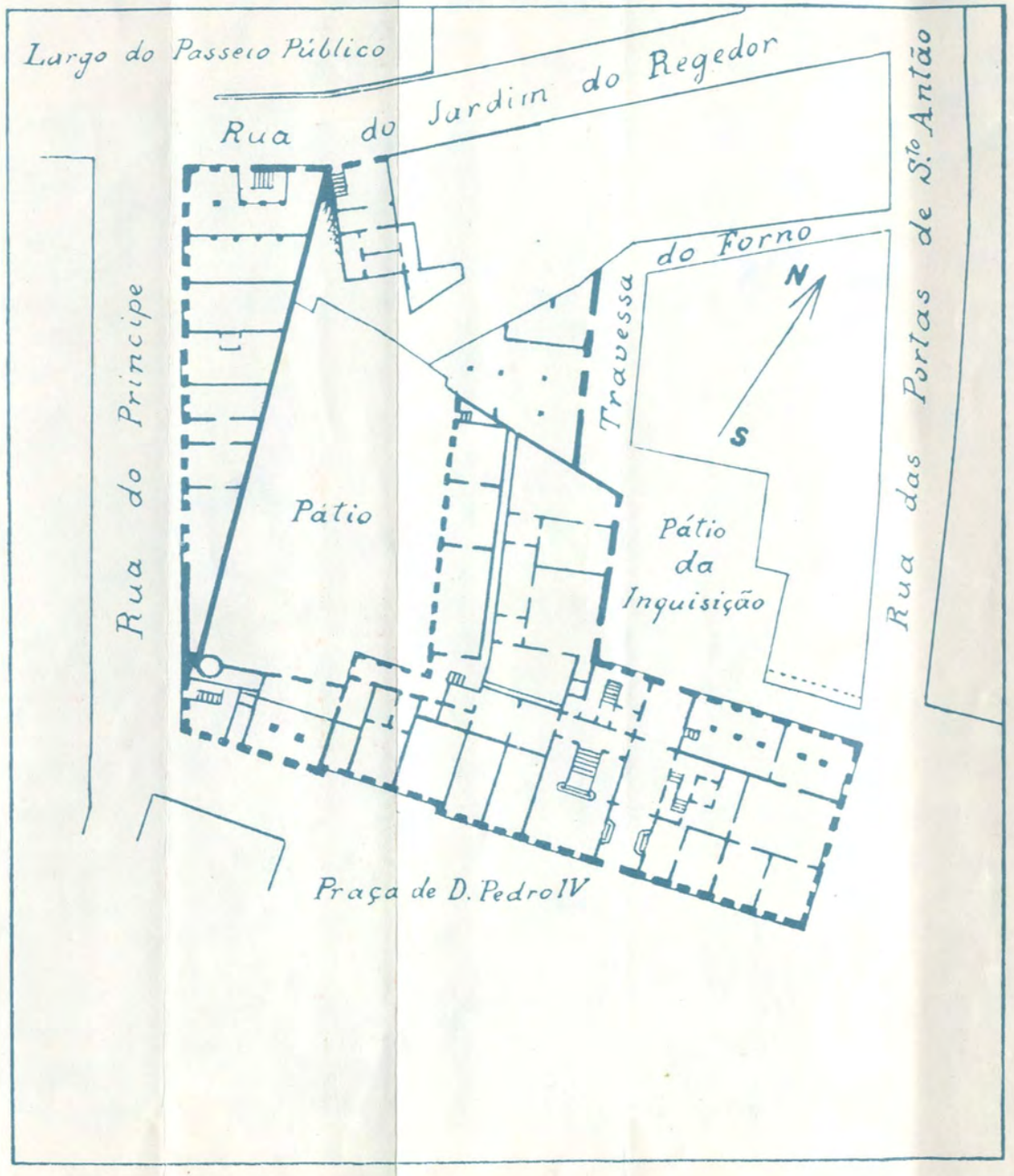



N
S
Praça dos Restauradores
Rua do Jardim do Regedor
Rua que vai para a Horta da Mancebia
Terreno onde se salgavam os coiros
Portas de S. Antão
Casa do Alentejo
Rua que vai para as Portas de S. Antão
Horta da Mancebia
Horta foreira ao Cabido da Sé
Actual linha da fachada
Quintal
Estalagens
Antiga linha das fachadas
Muralha construída depois do princípio do século XVII
Rego de Agua
Torre da Inquisição
Garagem
Estrebarias del-Rei
Estrebarias del-Rei e Mancebia
Traço do primitivo da cerca
Quartel dos Bombeiros
Travessa do Forno
Largo do Regedor
Rua Eugénio dos Santos
Corredoira
Palácio da Independencia
Praça de D. João da Câmara
Paço dos Estáos
Rua dos Estáos
Rua da Inquisição
Teatro de D. Maria
Paço do Conde de Ourem(?)
Rua das Damas
Alpendres
Chafarís do Rossio (século XVI)
Praça de D. Pedro IV
Rossio
Chafarís do Netuno (século XVII)
Largo de S. Domingos

PLANTA DO PALÁCIO DA INQUISIÇÃO DEPOIS DO SEU ACRESCENTAMENTO NOS PRINCÍPIOS DO SÉCULO XVII MAPA VI

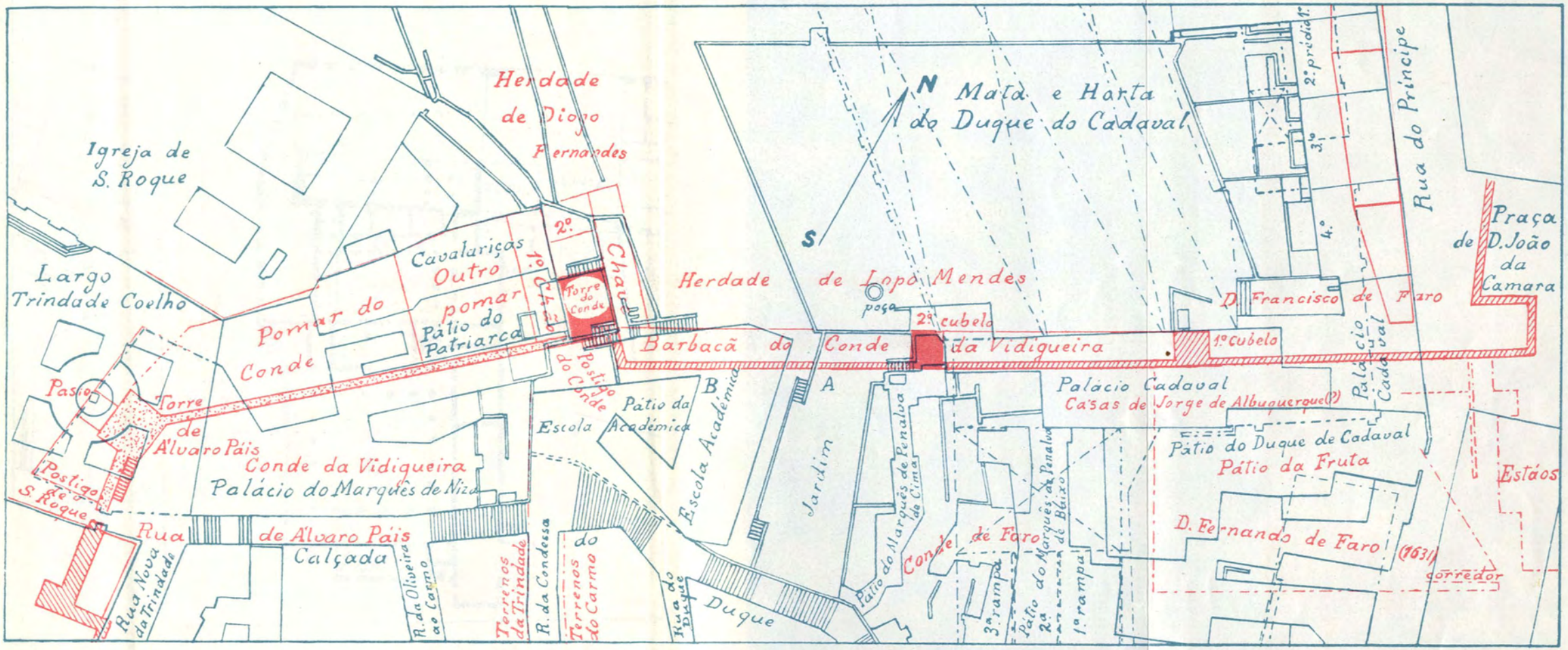


PLANTA DO PALÁCIO DA INQUISIÇÃO RECONSTRUIDO DEPOIS DO TERREMOTO DE 1755 MAPA VII



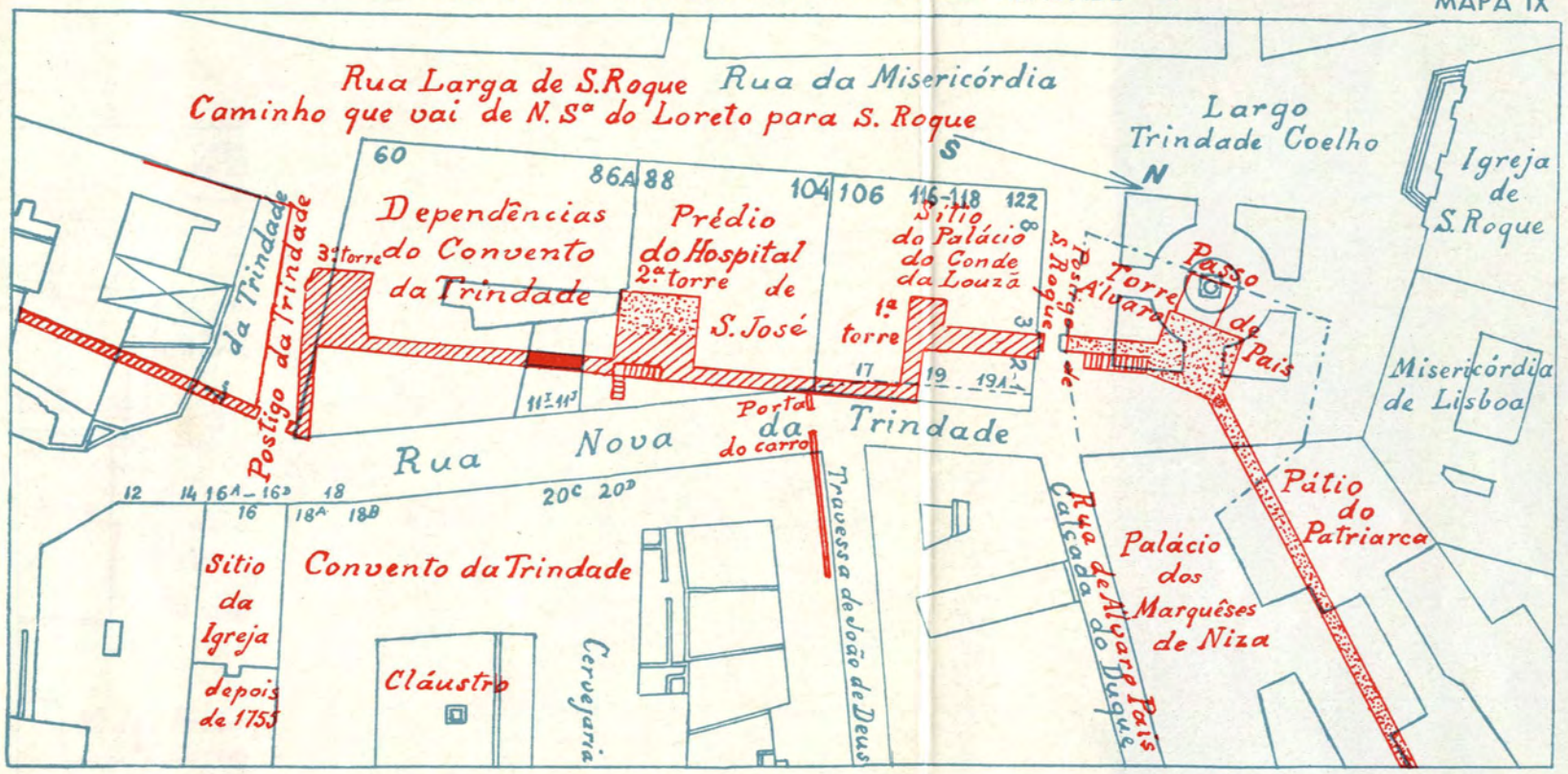
DO PAÇO DOS ESTÁOS AO POSTIGO DE S. ROQUE ←

MAPA VIII

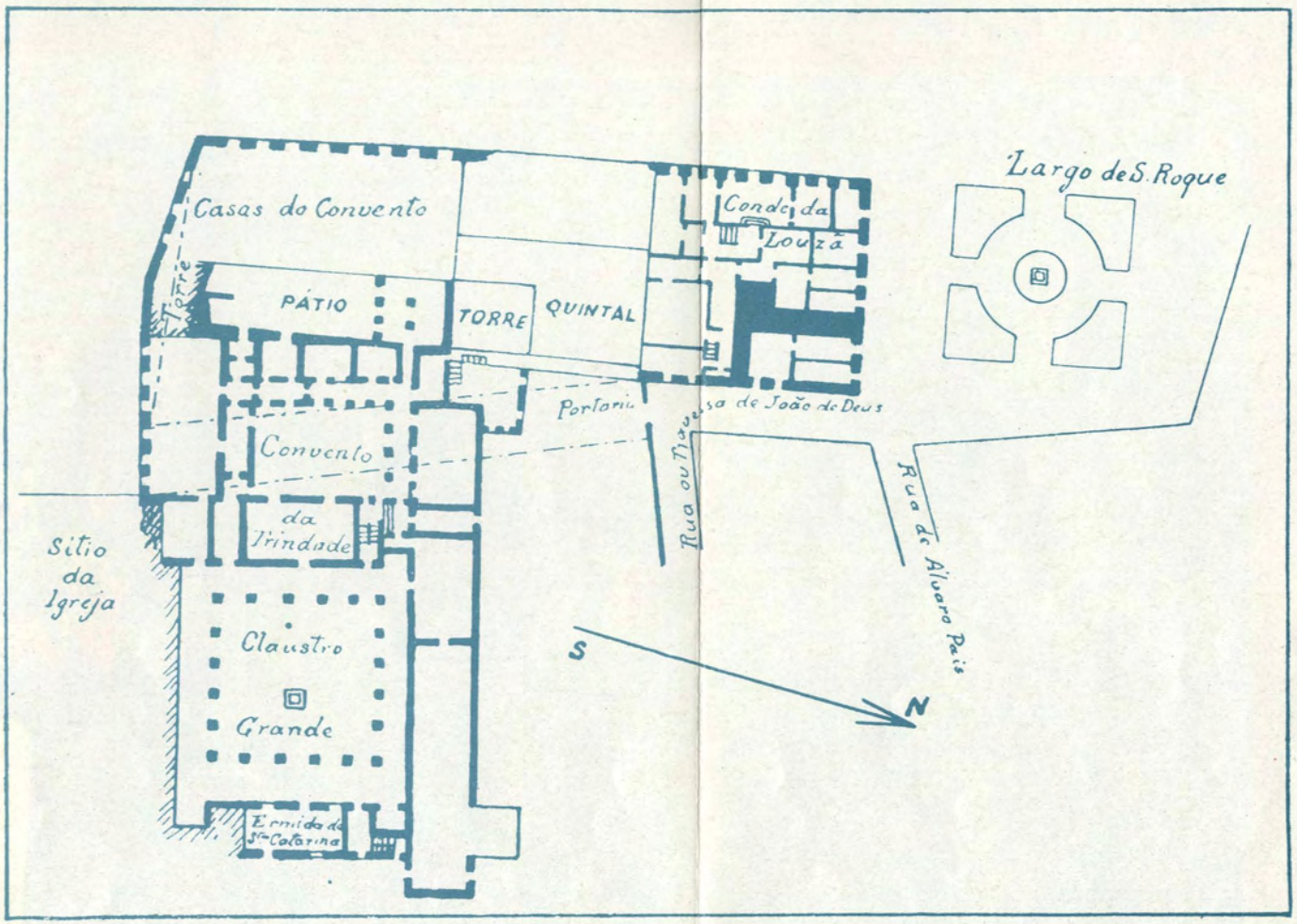


DO POSTIGO DE S. ROQUE AO POSTIGO DA TRINDADE ←

MAPA IX

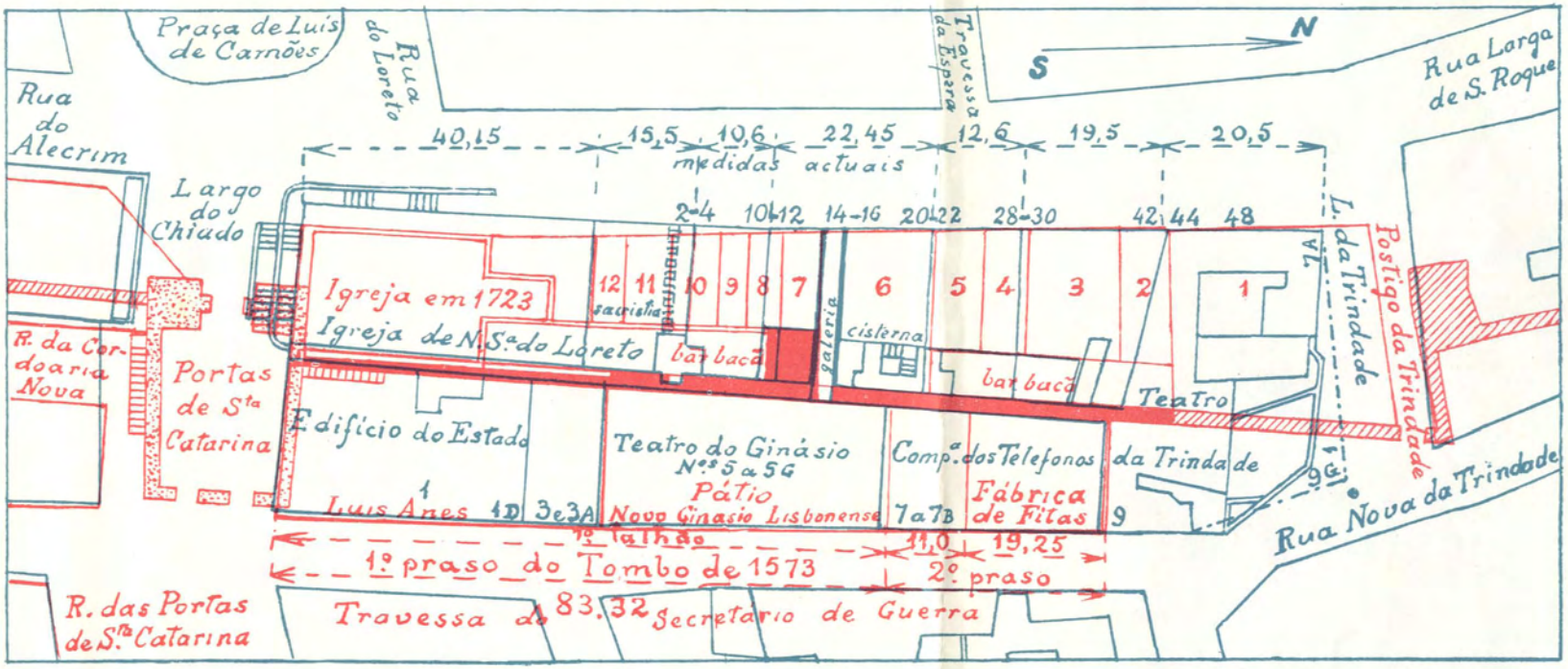


PLANTA DO CONVENTO DA TRINDADE E DO PALÁCIO DO CONDE DA LOUZÃ MAPA X

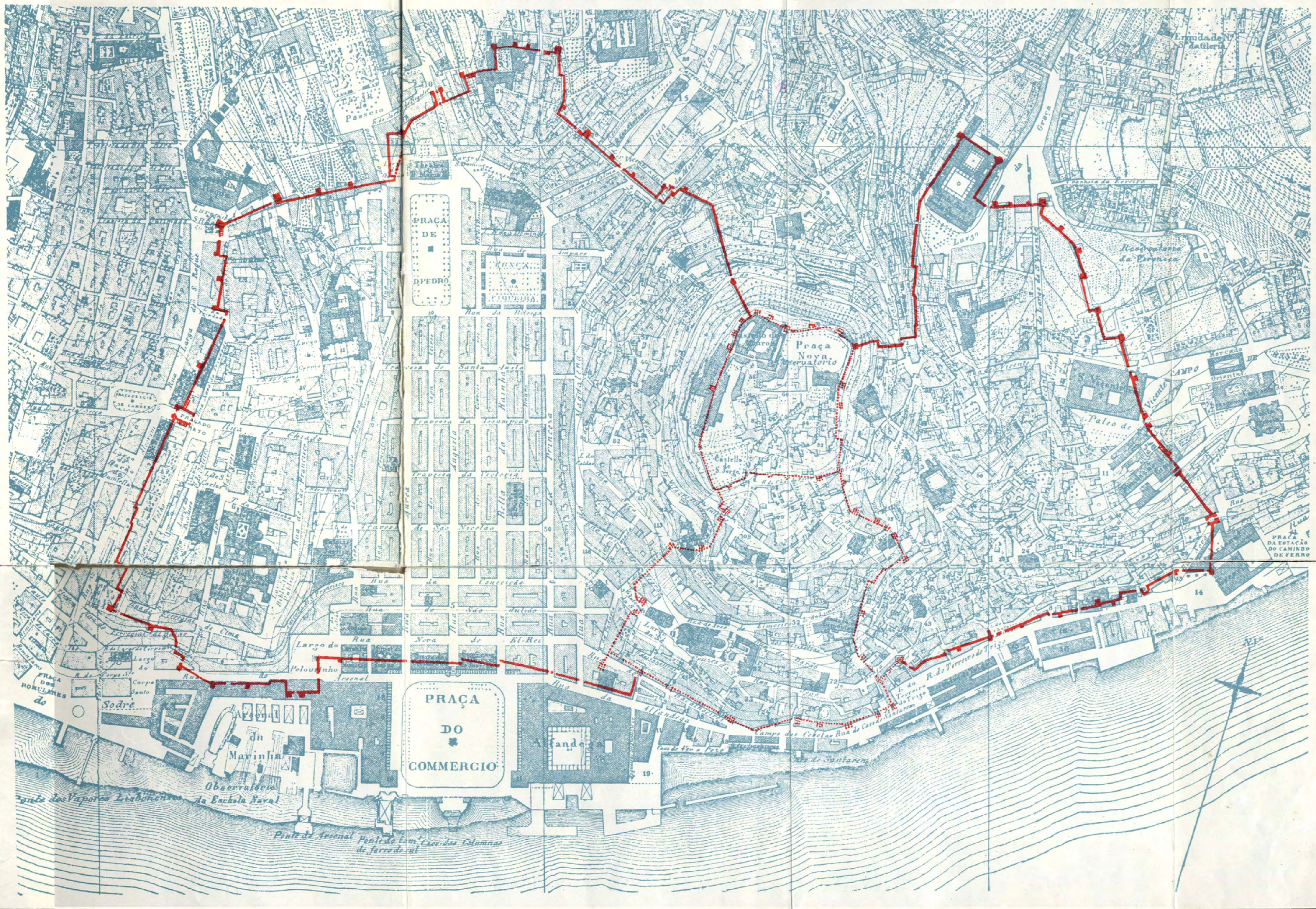


DO POSTIGO DA TRINDADE ÀS PORTAS DE S.TA CATARINA ←

MAPA XI

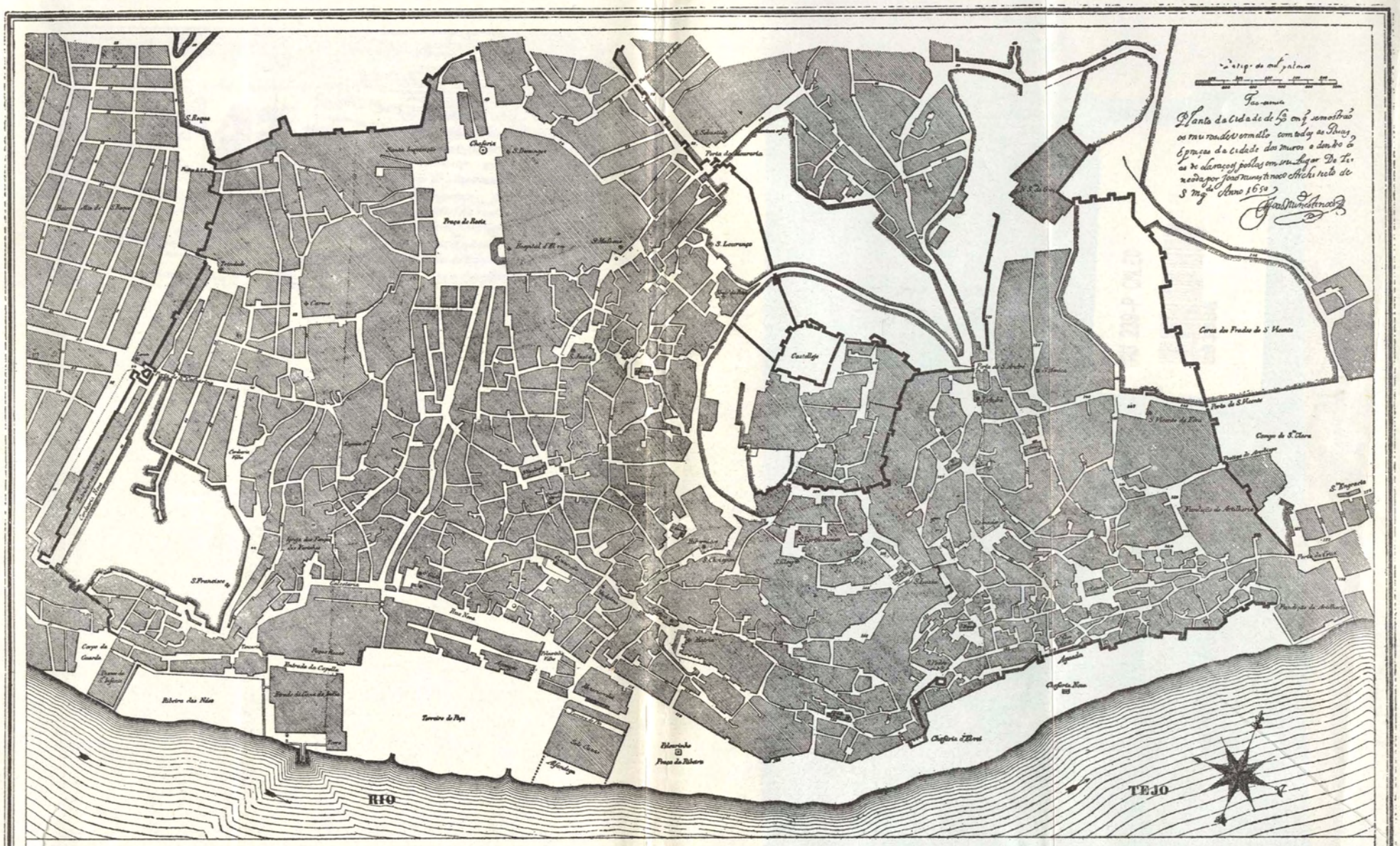


REDUÇÃO À ESCALA 1:5000 DE UM TRECHO DA PLANTA DA CIDADE DE LISBOA LEVANTADA EM 1856/58 NA ESCALA 1:1000 E PUBLICADA EM 1884



CONVENÇÕES: —— CERCA FERNANDINA ········ CERCA MOURA E CASTELO DE S. JORGE

PLANTA DE LISBOA EM 1650 POR JOÃO NUNES TINOCO


Planta da Cidade de Lx.a em q. se mostrão os muros, e dentro delle com todas as Ruas, e Praças da Cidade dos muros a dentro e as de alarações, pollas em sua lugar. De Tinoco por João Nunes Tinoco Architecto de S. Mag.de Anno 1650
Castello
Cerca dos Frades de S. Vicente
Porta de S. Vicente
Campo de S.ta Clara
Terreiro do Paço
Ribeira das Nãos
Chafariz d'El Rei
Chafariz Novo
Praça da Ribeira
Rua Nova
Rua Direita
Rua do Ouro
Rua Nova dos Ferros
Rua da Prata
Rua Nova dos Mercadores
Rua dos Fanqueiros
Rua dos Sapateiros
Rua dos Douradores
Rua dos Ourives
Rua dos Retrozeiros
Rua dos Fieis
Rua dos Fieis de Deus
Rua dos Fieis de Deus Velha
Rua dos Ourives
Rua dos Ourives Velha
Rua dos Fieis
Rua dos Fieis de Deus
Rua dos Fieis de Deus Velha
Rua dos Ourives
Rua dos Ourives Velha

VISTA DE LISBOA NOS FINS DO SÉCULO XVI

Insigniora vrbis Olisiponæ. Regiæ.
1 Castelli regia vulgo paços do Castello. 2 Ripę regia vulgo paços da Ribeira. 3 Statuum regia vulgo paços dos Estados vbi nunc est Inquisitio. 4. Sancti Eloi regia vulgo paços de sanco Eloy. Alia insignia. 5 Regium porticum vulgo Alfandega. 6 Domus frumentaria vulgo terreiro do tugo. 7 Domus Indica vetus. 8 Domus Indica noua. 9 Armamentarium vetus, nunc Acrium regiæ. 10 Hospitale omnium Sanctorum. 11 Platea amplissima quæ vulgo Rosio dicitur. 12 Platea q̃ vulgo pulourinho velho dicitur. 13 Via noua mercatorum emptissima. 14. Fons vberrimus, sen canalibus deriuatus vulgo chafariz del Rei. 15 Eorum oliterum et piscatorum vulgo Ribeira. 16 Domus Senatoria vbi carcer publicus q̃ vulgo Limoeiro dicitur. 17 Castellum ciuitatis. 18 Circuitus in sumitatis montis moenibus circumdatus, q̃ vulgo alcuoua dicitur. 19 moles Carbonis vulgo Cais do carvaõ. 20 Fornaces ad conficiendum calcem. 21 Moles lignorum vulgo Cais da madeira. 22 Loci vbi rudentes nauiles conficiuntur vulgo Cordoaria nouua. 23 Scholæ generales vbi antiquitus scientiæ profitebantur nunc sunt Coimbricæ. 24 Paco de madeira. Monasteria fratrum. 25 Monasterium S. Francisci ordinis Fraciscani. 26 Monast. S. Mariæ do carmo Carmelitarum. 27 Monast. Trinitatis. 28 Monast. S. Dominici Predicatorum. 29 Monast. S. Eloi ordinis sancti Joannis. 30 Monast. S. Vincentij Canonicorum regularium. 31 Mon. S. Mariæ da graça, ordinis Augustini. 32 Collegium sancti Rochi Jesuitarum. 33 Collegium et Schola S. Antonij Iesuitarum. 34 Collegium orphanorum. Monasteria Vestalium. 35 Monast. Saluatoris. 36 Monast. D. N. da Rosa. 37 Monast. D. N. da nuicinda. 38 Monast. D. N. da esperança. 39 Monast. sanctæ Annæ. 40 Monasterium sanctæ Claræ. Portæ in vetri vrbe. 41 Porta ferri. 42 Porta maris veteris, nunc vulgo postigo da Rua das Canellas. 43 Porta maris ad S. Joanem. 44 Porta sinitis regij vulgo portido do chafariz del Rei. 44* Postigo do conde de linhares. 45 Porta sancti Petri. 46 Porta Solis. 47 Porta alfofy. 47* Porta sancti Georgii. 48 Porta de dem Fadrique. 49 Porta do Mouro. Portæ in noua vrbe. 50 Porta sancti Laurencij, vulgo postigo de S. Lauren. 51 Porta quæ vulgo dicitur da moraria. 52 Porta q̃ dicitur portigo da Rua de palma. 53 Porta quæ dicitur do fogo da pela. 54 Porta sanctæ Annæ, vulgo postigo de sant Ana. 55 Porta sancti Antonij vulgo de sant Antoana. 56 Porta q̃ dicitur da sirebaria del Rei. 57 Porta sancti Rochi vulgo portigo de sãn Roque. 58 Porta q̃ dicitur postigo da cuidade. 59 Porta sanctæ Catharinæ. 60 Porta Ducis Bragatiæ. 61 Porta q̃ dicitur de Corpo santo. 62* Porta q̃ dicitur dos Cubertas. 62 Porta quæ dicitur dos Corte reais. 63 Porta Auri. 64 Porta quæ dicitur do almazem. 65 Portæ quæ dicuntur arcos dos paços. 66 Porta q̃ dicitur portigo da moeda. 67 Porta quæ dicitur arco dos prẽgos. 68 Porta q̃ dicitur arco das barretes. 69 Porta ripę vulgo porta da Ribeira. 70 porta q̃ dicitur portagem. 71 Porta noua Maris vulgo porta do mar. 72 Porta do chafaris dos cauales. 73 Porta q̃ dicitur postigo da pelurra. 74 Porta da Cruz. 75 Portæ S. Vincentij. 76 Porta q̃ dicitur portigo de sãn Vincente. 77 Postigo do mosteiro da graça. 78 Porta de santo Andre. 78* Postigo da fama. Ecclesiæ parochiales. 79 Templum maximum sedes Archiepiscopalis. 80 Templum sancti Iuliani. 81 Templum S. Magdalenæ. 82 Tem. D. N. da conceptione. 83 Tem. S. Nicolai. 84 Tem. S. Iustæ. 85 Templum S. Mathiæ. 86 Tem. S. Sebastiani da moraria. 87 Templum S. Anthonij in Collegio Iesuitarum. 88 Tem. S. Laurentij. 89 Tem. S. Christophori. 90 Tem. S. Mametis. 91 Tem. S. Georgij. 92 Tem. S. Bartholomei. 93 Tem. S. Iacobi. 94 Templum S. Spiritus. 95 Tem. S. Crucis. 96 Tem. Saluatoris cum monasterio Vestalium. 97 Tem. S. Thomæ. 98 Tem. S. Andreæ. 99 Tem. S. Mariæ. 100 Tem. S. Vincentij in monasterio. 101 Tem. S. Stephani. 102 Tem. D. N. do parraiso. 103 Tem. S. Michelis. 104 Tem. S. Petri. 105 Tem. S. Iacobi de praça. 106 Tem. S. Sebastiani da padaria. 107 Templum martyrum. 108 Tem. S. Pauli. 109 Tem. D. N. da esperança in monast. Vestalium. 110 Tem. D. N. do loreto. 111 Tem. Trinitatis monasterio. 112 Tem. dñæ nrę da Estrada. 113 Tem. S. Vincentij in Monasterio. 114 Tem. fidelium dei. 115 Templum S. Catharinæ. 116 Tem. das chagas. 116* Tem. D. nrę da Victoria. Alia templa vel sacella. 117 Sacel. D. N. 118 Sac. Corporis sancti. 119 Sac. S. Thomæ. 120 Sac. D. N. Olivæ.

Da obra VRBIVM PRÆCIPVARVM MVNDI THEATRVM QVINTVM — AVCTORE GEORGE BRAVNIO AGRIPPINATE — s/d (posterior a 1596)